

da Silva Santos (L. A.)

FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

THESE

DO

Dr. Luiz Antonio da Silva Santos



1876

THESE

da Silva Santos

DISSERTAÇÃO

Secção de Sciencias Medicas.—Cadeira de Pathologia Geral
DIATHESE E MOLESTIAS DIATHESICAS.

PROPOSIÇÕES

Secção de Sciencias Accessorias.—Cadeira de Physica
MATERIA, FORÇAS, MOVIMENTOS.

Secção de Sciencias Cirurgicas.—Cadeira de Anatomia geral e pathologica
DO CANCRO.

Secção de Sciencias Medicas.—Cadeira de Pathologia geral
DO ESTADO PATHOLOGICO EM GERAL.

THESE

APRESENTADA

À FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

EM 30 DE SETEMBRO DE 1876

E PERANTE ELLA SUSTENTADA EM 20 DE DEZEMBRO DO MESMO ANNO

(SENDO APPROVADA COM DISTINCÇÃO)

POR

Luiz Antonio da Silva Santos

Doutor em Medicina pela mesma Faculdade, ex-interno de cirurgia dos Drs. Saboia, Miranda e Pedro Affonso
no Hospital da Misericordia, e dos Drs. Feijó, José Lourenço e Pereira Guimarães,
na Casa de Saude de N.ª S.ª d'Ajuda

NATURAL DO RIO DE JANEIRO (CANTAGALLO)

FILHO LEGITIMO DE

Manoel Vieira da Silva Santos

E DE

D. Joanna Cacemira Monteiro dos Santos.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE E. & H. LAEMMERT
71, Rua dos Invalidos, 71

1876



FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

DIRECTOR

CONSELHEIRO DR. VISCONDE DE SANTA IZABEL.

VICE-DIRECTOR

CONSELHEIRO DR. BARÃO DE THERESOPOLIS.

SECRETARIO

DR. CARLOS FERREIRA DE SOUZA FERNANDES.

LENTES CATHEDRATICOS

Doutores:

PRIMEIRO ANNO

F. J. do Canto e Mello Castro Mascarenhas (1ª cadeira). Physica em geral, e particularmente em suas applicações á Medicina.
 Manoel Maria de Moraes e Valle (2ª »). Chimica e Mineralogia.
 Luiz Pientzenauer (3ª »). Anatomia descriptiva.

SEGUNDO ANNO

Joaquim Monteiro Caminhoá (1ª cadeira). Botanica e Zoologia.
 Domingos José Freire Junior (2ª »). Chimica organica.
 Francisco Pinheiro Guimarães (3ª »). Physiologia.
 Luiz Pientzenauer (4ª »). Anatomia descriptiva.

TERCEIRO ANNO

Francisco Pinheiro Guimarães (1ª cadeira). Physiologia.
 Cons. Antonio Teixeira da Rocha (2ª »). Anatomia geral e pathologica.
 Francisco de Menezes Dias da Cruz (3ª »). Pathologia geral.
 Vicente Candido Figueira de Saboia (4ª »). Clinica externa.

QUARTO ANNO

Antonio Ferreira França (1ª cadeira). Pathologia externa.
 João Damasceno Peçanha da Silva (2ª »). Pathologia interna.
 Luiz da Cunha Feijó Junior (3ª »). Partos, molestias de mulheres peçadas e de recém-nascidos.

QUINTO ANNO

João Damasceno Peçanha da Silva (1ª cadeira). Pathologia interna.
 Francisco Praxedes de Andrade Pertence. (2ª »). Anatomia topographica, medicina operatoria e apparatus.
 Albino Rodrigues de Alvarenga (examinador) (3ª »). Materia medica e therapeutica.

SEXTO ANNO

Antonio Corrêa de Souza Costa (examinador) (1ª cadeira). Hygiene e historia da Medicina.
 Barão de Theresopolis (2ª »). Medicina legal.
 Ezequiel Corrêa dos Santos (3ª »). Pharmacia.
 João Vicente Torres-Homem (presidente) (4ª »). Clinica interna.

LENTES SUBSTITUTOS

Agostinho José de Souza Lima	} Secção de Sciencias Accessorias.
Benjamin Franklin Ramiz Galvão.	
João Joaquim Pizarro.	
João Martins Teixeira (examinador)	
Augusto Ferreira dos Santos	} Secção de Sciencias Cirurgicas.
Claudio Velho da Motta Maia.	
José Pereira Guimarães	
Pedro Affonso de Carvalho Franco	
Antonio Caetano de Almeida	} Secção de Sciencias Medicas.
João Joaquim da Silva	
João José da Silva	
João Baptista Kossuth Vinelli.	

N. B. A Faculdade não approva nem reprova as opiniões emitidas nas Theses que lhe são apresentadas

AOS MANES
DE
Meu honrado Pae.

Á SENTIDA MEMORIA
DE
MINEA CÁRA AVÓ PATERNA.

À MEMORIA
DE
Minha Virtuosa Amiga
D. Paula Alves de S. Pedro
E de seu digno filho
JERONYMO VIEIRA TORRES.

AOS MANES
DE
MEUS AVÓS.

À MINHA BÔA E CÂRA MÃE

A EXMA. SRA.

D. MARIA FULALIA MAURITY

AO MEU PREZADO IRMÃO

JULIO VERISSIMO DA SILVA SANTOS

AO MEU CÂRO CUNHADO E PROTECTOR

LUIZ VIEIRA TORRES

ÀS MINHAS VIRTUOSAS IRMÃS

- D. Julia Cacemira da Rocha
 - D. Adelaide Cacemira Torres
 - D. Maria Cacemira Ritter Nunes
 - D. Eugenia Cacemira dos Santos
-

AOS MEUS CÁROS IRMÃOS

- Dr. José Verissimo dos Santos
- João Verissimo dos Santos
- Augusto Verissimo dos Santos
- Manoel Vieira da Silva Santos

À memoria de minha irmã

D. Maria Cacemira da Silva Santos

E de meus innocentes irmãos

VIRGILIO E HORACIO.

À MINHA CUNHADA E PRIMA

D. FRANCISCA CACEMIRA LUDOLF

E À SUA DIGNA FAMILIA

A meu cunhado Augusto Correia da Rocha

À MEMORIA DE MEU CUNHADO

Francisco Leite Ritter Nunes.

AS MINHAS TERTIOLHAS AMIGAS
D. Julia Gacemira da Silva
D. Maria Gacemira da Silva
D. Eugenia Gacemira dos Santos

AS MINHAS CARAS IRMAOS

D. Jose Venceslao dos Santos
D. Venceslao dos Santos

A EXMA. SRA.

D. JOAQUINA CORDOVIL MAURITY

E

Á SUA DISTINCTA FAMILIA

D. FRANCISCA GACEMIRA DOS SANTOS
A SUA DISTINTA FAMILIA

A FAMILIA DE SEUS QUINHOS

AOS MEUS PARTICULARES AMIGOS

Manoel da Costa Sampaio
Franklin Hermogeneo Dutra
José Affonso Fontainha
Julio Cesar Torres Rangel

AO MEU BOM AMIGO

E

COMPANHEIRO DE INTERNATO DA CASA DE SAUDE

DR. SATURNINO SIMPLICIO DE SALLES VEIGA

E À SUA EXMA. ESPOSA

AOS DISTINCTOS AMIGOS E BENEMERITOS MINEIROS

DR. EVARISTO FERREIRA DA VEIGA

E

BERNARDO SATURNINO DA VEIGA

Aos dignos directores da Casa de Saude de N.^a S.^a d'Ajuda

DR. MANOEL JOAQUIM FERNANDES EIRAS

E

DR. JOSÉ LOURENÇO DE MAGALHÃES

AO HABILÍSSIMO OPERADOR

E MUITO ILLUSTRADO MESTRE

0 Sr. Dr. Pedro Affonso Franco

AOS MEUS COLLEGAS DE ANNO

AOS MEUS PARENTES E AMIGOS

AOS MEUS EXAMINADORES DE THESE

Os Srs:

Dr. José Martins Teixeira
Dr. Albino Rodrigues de Alvarenga
Dr. João Vicente Torres Homem
Dr. Antonio Corrêa de Souza Costa

À ILLUSTRADA FACULDADE DO RIO DE JANEIRO

AOS MEUS CONTEMPORANEOS DE ESCOLA

À MOCIDADE CANTAGALLENSE

ERRATA

PAG.	LINH.	EM VEZ DE	LÊA-SE
9	31	persistente	preexistente
26	8	Erasistrato	Herophilo
30	7	exigir	erigir
58	13	estas	aquellas
60	27	natureza mesma das funções	anatomia mesma e das func- ções
61	19	diathesicas	chronicas
78	15	quatro	cinco
79	5	affecções	affecções chronicas
83	18	no	ou
101	3	agentes	elementos



FERRATA

DISSERTAÇÃO

10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20

DISSERTAÇÃO

Introdução

On ne peut attendre de grands progrès dans une science où la méthode philosophique a été négligée, que lorsqu'on renouvelle le corps entier de la doctrine, conformément aux vrais principes de cette méthode.

(BARTHEZ— *Science de l'homme*, pag. 3.)

Frustrâ magnum expectatur augmentum in scientiis ex superinductione et insitione novum super vetera, sed instauratio facienda est ab imis fundamentis, nisi libeat perpetuo circumvolvi in orbem cum exili et quasi contemnendo progressu.

(BACON— *Nov. Org.*, Aphor. XXI.)

Estudando com o maximo cuidado, nos auctores principaes e dos mais competentes que têm escripto sobre o nosso ponto, as idéas dominantes e os principios fundamentaes, que têm dirigido e os que dirigem ainda a eminente questão da — diathese —, passámos pelo immenso desgosto de vir encontrar ahi, n'esse canto obscuro da sciencia, tudo por crear-se ainda, tudo por começar.

Nada rigorosamente ha de fixo, de scientificamente estabelecido; tudo ahi soffre controversia e discute-se ainda sem proveito, desde os principios elementares da questão até as conclusões extremas e

as classificações arbitrárias, que correm em livros diversos e nas Pathologias geraes como cousa sufficientemente estabelecida.

Isso, porém, tem uma razão de ser clara a todo o espirito desprevenido e disposto a aceitar os principios que a logica e a sã philosophia nos ensinão.

Assim, a eterna e infecunda discussão encetada pelos pathologistas e travada até hoje com ardor, sob a protecção dos systemas, pecca essencialmente pela base. O vicio capital está no ponto de partida, e bem assim n'aquillo que geralmente passa como verdade elementar, axioma physiologico, e que não é mais do que uma criação arbitrária e gratuita de espiritos abstractos. O ponto de partida foi a synthese, uma concepção synthetica, e por isso mesmo viciosa em sciencias biologicas. Devia ser a analyse.

Bordeu, um dos primeiros sabios que se entregou com interesse ao estudo desta materia, aceitou dos antigos a palavra *diathese* e com ella a synthese abstracta, mal concebida, de *disposição geral morbida ou morbigenica*, que nella julgava encerrar-se como noção de um facto positivo. Os auctores que lhe succedêrão baseárão os seus estudos e, portanto, as suas conclusões nos mesmos principios e nas mesmas premissas viciosas do seu introductor. E, assim formada a magna questão, passou de éra em éra, variando infinitamente de fórma, porém conservando sempre o fundo capcioso, a base inconsequente e nulla, sobre que a philosophia a mais deploravel, o anti-philosophismo dos clinicos e a medicina abstracta dos systemas levantou um edificio monstruoso, disforme e anachronico, que a cada toque se esborôa e a cada passo se remenda.

A sciencia deve agradecer, por esse triste resultado que teve o trabalho accumulado de muitos annos, muito principalmente ao exclusivismo das doutrinas medicas, que, assim constituídas, hão de subjugar eternamente as inducções da sciencia aos caprichos da phantasia e ás concepções absolutas da razão, preterindo a todo o transe a analyse em favor da synthese. Com

effeito, é innegavel a influencia quasi paternal que tem constantemente exercido e continuão ainda hoje a exercer essas encontradas doutrinas sobre a questão da — diathese — aliás simples em seus dados objectivos e por demais accessivel ás investigações da analyse.

Armemo-nos dos bons preceitos que a logica nos ensina, expulsemos do nosso espirito essa multidão de theorias phantasticas, que a tradição nos legou, e encaremos então o problema em seus dados elementares.

Importa, primeiro que tudo, considerar que não ha philosophia medica possivel, racional e consequente, sem uma physiologia e anatomia pathologica real, em que ella se basêe. Ora, estas ultimas sciencias tambem não podem absolutamente existir, sem a anatomia e physiologia normal. Como se poderá, pois, estabelecer uma theoria sobre a *diathese*, sem uma anatomia e uma physiologia d'esse estado morbido? E como será, ainda, possivel uma anatomia e uma physiologia pathologica da *diathese*, sem o estudo prévio da anatomia e physiologia normal que lhe dizem respeito?

A unica base racional, por consequencia, sobre que se póde levantar uma theoria estavel e fecunda para a sciencia e para a clinica, é sem duvida alguma a anatomia e a physiologia pathologica, racionalmente deduzidas da confrontação dos phenomenos morbidos essenciaes com as disposições normaes da nossa economia.

Foi o que, no curto lapso de tempo que consagramos ao presente trabalho, nos esforçamos por obter quanto possivel, partindo para isso dos conhecimentos actuaes de anatomia e physiologia normal, capazes de explicar a evolução latente, o movimento aparentemente disparatado, a perpetuidade tenaz e a transmissibilidade por herança de certo numero de molestias *chronicas*, que o consenso quasi unanime dos clinicos e pathologistas assenta em denominar — *diathesicas*.

Todos os nossos esforços convergirão, pois, na confecção d'este

incompleto trabalho para um fim determinado, isto é, propôr aos competentes da sciencia uma anatomia e uma physiologia da *diathese*, e com ella uma pathogenia positiva das molestias diathesicas. Não nos foi, infelizmente, possivel dar a essa ultima parte o desenvolvimento que desejavamos, em virtude do pouco tempo que reservámos para isso. Deixamol-a apenas esboçada. Quanto ao estudo especial das molestias diathesicas, não o fizemos, como pretendamos, para não deixal-o incompleto; porquanto, sob o dominio dos principios que defendemos n'este trabalho, esse estudo se torna extremamente vasto e complexo.

Tal é, em resumo, o plano que aqui seguimos, ou melhor, a direcção que demos á sua execução. Comprehende-se, entretanto, que o laborioso empenho a que nos dedicámos não é mais do que um ensaio, a que o assumpto mesmo naturalmente convida, e que, assim como pôde conquistar algum resultado positivo, pôde igualmente submergir, como outras tentativas semelhantes, em um completo desengano.

Oxalá que a mais cruel das decepções não esteja reservada para as concepções que com sincera fé cultivamos em nosso espirito, e que a palavra julgadora de nossos mestres não venha desencantar-nos de uma seductora illusão no momento mesmo em que lhes pedimos mais luz.

Diathese e molestias diathesicas

Resumo historico

Para dar uma idéa justa e precisa da maneira por que tem sido considerada a noção abstracta que em pathologia geral se denomina hoje — DIATHESE — convém de um modo absoluto fazer em rapido exame a historia da propria pathologia geral.

Com effeito, até os principios do seculo XVIII, a contar desde os tempos os mais obscuros da Medicina, a noção de —*diathese*— palavra grega que quer dizer disposição, confundia-se com a propria noção de molestia. O organismo que adoecia d'esta ou d'aquella maneira tinha *ipso facto* em si mesmo uma disposição para adoecer n'este ou n'aquelle sentido. Havia, pois, no entender dos antigos para cada molestia uma diathese correspondente.

O antagonismo da molestia e da saúde lembrou ao espirito esclarecido de Aristoteles que, assim como havia uma disposição para adoecer, era forçoso que houvesse igualmente uma disposição ingenita e perpétua para conservar a saúde; e, pois, veio a admittir duas especies de diatheses, a saber: uma *diathese de saúde* e uma *diathese de molestia*.

A essas noções simples succedêrão outras um pouco mais complexas com o apparecimento da doutrina dos humores;

fôro os seus creadores Herophilo e Praxagoras, precursores de Galeno.

Já então, a *disposição* vaga e indeterminada, para a qual se appellava como causa dominante e obrigada do estado hygido e do estado morbido, começava a ter uma interpretação analytica e a soffrer um exame mais descriptivo e minucioso. A disposição que preside á conservação do organismo no seu estado normal (diathese de saúde de Aristoteles) passava a ser, para os creadores do humorismo antigo — a justa proporção dos humores naturaes. O accrescimo ou diminuição, em qualquer gráo, de um dos humores preexistentes, era — a diathese de molestia ou disposição morbida.

Pelas mesmas modificações e por transformações parallelas áquellas por que passou o velho humorismo, passou igualmente a noção primitiva da diathese.

Assim, vemos Galeno instituir em corpo de doutrina os seus *quatro humores cardeaes*, dando á predominancia de cada um d'elles um papel absoluto na producção das molestias. Vemos depois apparecer em campo a chimiatria arvorada em doutrina medica por Le Boë (1614—1672). Com as suas reacções acidas e alcalinas, attribuia esta doutrina ás variações que offerece o sangue em suas propriedades chemicas uma importancia exclusiva para explicar o mesmo facto. Outros doutrinarios da antiga medicina são os humoro-vitalistas, que appellão para as propriedades vitaes dos humores, em substituição ás propriedades phisicas ou chemicas incapazes de explicar as infinitas variações que o estado morbido apresenta.

Mas os humores não são dotados de vida, nem a podem possuir; as propriedades vitaes competem sómente aos solidos. Assim pensão successivamente Erasistrato — o adversario de Herophilo, Themison (200), fundador do methodismo, e seus successores, Thessalus (de Tralles), Soranus (de Epheso) e Cælius Aurelianus.

Paracelsus (1498 — 1546) funda o vitalismo absoluto. As propriedades erradamente attribuidas aos solidos do organismo não lhes pertencem sinão como effeitos de um principio universal, *sine materia*, que dirige todos os phenomenos da natureza — tal é o seu *archêo*. Van-Helmont (1577—1744) inspira-se no idéal de Paracelsus e crêa *archêos* a seu capricho. Stahl (1660—1734) ensina a seus discipulos que o principio da vida é a alma.

No meio de uma tal confusão de doutrinas pasma Boerhaave de vêr a sciencia tão atrazada, e *pede á Divindade que o inspire para crear uma doutrina*; — é o mecanicismo que elle funda.

O solidismo, porém, parece a doutrina mais consentanea com a razão. São seus continuadores Hoffmann (1572—1650), Baglivi, Cullen, Brown, Rasori, etc, que a ella se filião, modificando-a mais ou menos, segundo a opinião de cada um, para applical-a ao estudo da producção e da natureza das molestias. O brownismo é a doutrina medica mais popular até os ultimos annos do seculo xviii. Thommasini (1821) á frente da Escola de Bolonha annuncia á sciencia que o brownismo cahio e que o dualismo pathogenico de Rasori é que contém a verdade. Brown tinha as suas diatheses — *sthenica* e *asthenica* — traduzidas em face de uma provocação em *opportunitate* morbida. Rasori crêa o seu dualismo tambem, com as denominações de diathese de *stimulus* e de *contra-stimulus*.

Broussais revolta-se contra todas as doutrinas medicas, e crêa a Escola Physiologica (*Examen des doctrines* — Paris, 1821). Nega formalmente a existencia da—diathese—que para elle é uma ficção. Cada orgão tem a sua *irritabilidade* especial, de cujo exercicio normal provém a saúde. Desde, porém, que um orgão são é sollicitado por certos agentes insolitos, ou deixa de o ser por um agente habitual, o orgão soffre e a molestia está estabelecida. Não ha, pois, disposição morbida persistente, não ha estado diathesico da economia ou do orgão; não ha diathese.

Foi, sobre as ruínas de todos esses systemas e das doutrinas antagonistas, que no decurso do xvii seculo successivamente se creáram e fôrão abatidas, que ergueu-se pouco a pouco, já na França, já na Allemanha, a Escola anatomica, promessa imperecível do futuro da Medicina, apoiada de um lado no materialismo allemão — termo definitivo da serie de transformações por que passou o espirito philosophico n'esse paiz (Jaccoud — *Rapport sur l'Organisation des Facultés de Médecine en Allemagne* — Paris, 1864), e do outro lado nas importantes descobertas que cada dia a anatomia conquistava para a sciencia.

Esses conhecimentos, com enthusiasmo abraçados e defendidos no começo do seculo xviii, já não servindo de base a novas doutrinas em contraposição com as idéas absolutas, preconcebidas sem escrupulo pelos humoristas, solidistas e *ultra-vitalistas*.

Foi n'essas condições que espiritos elevados, considerando o grande alcance d'esses conhecimentos positivos, principiáram a utilizar-se dos dados fornecidos pelos estudos anatomicos para a consolidação das theorias e das doutrinas medicas *à priori*.

Essa alliança da anatomia descriptiva com os systemas absolutos deu em resultado uma pathologia *ainda mais analytica* do que as precedentes, e foi por esse motivo que destacou-se, então, da noção vaga de molestia a noção indeterminada tambem, mas já especial e até certo ponto restricta, da — diathese.

O espirito eminente de Bordeu e a sua imaginação fertilissima representão nas suas producções esta phase distincta e caracteristica do movimento doutrinario do seculo xviii. As suas obras, modeladas em parte pelas tradições da Escola de Montpellier, da qual foi um dos mais notaveis discipulos, inspiradas igualmente nas doutrinas de Stahl e Van-Helmont, que elle tenta conciliar, e com cujo auxilio empenha-se em fecundar as crescentes acquisições da anatomia descriptiva, representão um verdadeiro monumento historico para o estudo das transformações por que passarão, n'essa

época de transição, as doutrinas medicas com tanto ardor defendidas em todo o decurso do seculo xvii e do seculo xviii.

Não queremos fazer aqui a critica das obras de Theophilo Bordeu; devemos, porém, já que a occasião se nos apresenta, render-lhe a justiça, que muitos auctores lhe negão, de ter sido o primeiro que lançou na sciencia os fundamentos para uma theoria das molestias diathesicas, tentando mesmo crear para ellas uma anatomia e uma physiologia pathologica, si bem que em maior parte hypotheticas e inteiramente phantasticas.

Eis as obras de Bordeu (1722—1776) que mais intimo proposito offerecem com o nosso assumpto: *Das glandulas* (1757); *Do tecido mucoso* (1767); *Das molestias chronicas*, com um appendice sobre a *Analyse medicinal do sangue* (1775).

É n'esta ultima publicação, dividida em 7 partes, que elle se occupa especialmente das molestias diathesicas, para as quaes elle busca uma definição commum, fixando, portanto, mais ou menos o valor e a accepção da palavra *diathesico*. Nas seis primeiras partes do seu livro occupa-se largamente das suas *cachexias* humoricas, procurando arranjar para a sua explicação um mecanismo, extremamente complexo e extravagante, de fluxos e refluxos das secreções e dos humores aquosos. N'esse empenho sustenta as doutrinas de Stahl e Van-Helmont, satyrisando com espirito e mordacidade a doutrina dos chimistas e as theorias mecanicas de Boerhaave. A setima parte do seu trabalho é consagrada ao estudo do sangue, como já o dissemos, sob o titulo de *analyse medicinal do sangue*. É ahi que elle desenvolve com engenho e mesmo clareza a sua complexa theoria pathogenica das molestias diathesicas (Tomo II de suas *Obras completas*, pag. 4010).

Bichat, o admirador sincero dos talentos de Bordeu, podemos dizer sem fazer-lhe injustiça, *continuou*, nos seus estudos de anatomia geral (*Traité d'Anatom. Génér*, Paris, 1801), a obra por seu amigo encetada.

Barthez, na Escola de Montpellier, abandonando, pelo contrario, as descripções e desprezando a anatomia incompleta e ás vezes ficticia do seu antecessor, aproveitou, com a vasta erudição e notavel habilidade do seu genio, os mesmos principios que elle sustentára, para applicar-lhes o *Methodo Philosophico* de Bacon.

Infelizmente para a sciencia, essa marcha que tomou, depois das obras de Bordeu, o movimento scientifico nas diversas escolas medicas e a evolução consequente das doutrinas offerecem, apezar do grande esforço intellectual dos seus imaginadores, uma direcção profundamente viciosa.

A alliança dos principios e das suggestões da razão com os dados inabalaveis das investigações anatomicas e physiologicas, a fusão das doutrinas humoristas e solidistas com os principios do vitalismo, com tanta pericia e talento tentadas nas obras de Bordeu, devia trazer como resultado fatal uma doutrina do justo meio, um eclecticismo de mais em mais sensato, uma sã philosophia em summa, representada pelo exercicio da logica e da razão sobre os factos brutos da vida. Bordeu, porém, não teve continuadores. Ficou sem fructos na sciencia a sua ingloria tentativa, e a doutrina eclectica creada pelo seu genio cahio logo no olvido, para dar logar á estréa brilhante e ruidosa de dous novos talentos — o grande Bichat em Paris e Barthez em Montpellier.

Ficou, por esse modo, viciosamente dividida em dous systemas antagonicos a doutrina eclectica de Bordeu: a Escola anatomo-physiologica e a Escola vitalista. Coube, pela natureza mesma do assumpto, em partilha a este ultimo systema a theoria metaphysica da diathese, refundida no methodo philosophico de Barthez, e aperfeiçoada ou simplesmente modificada pelos seus illustres successores, na Escola de Montpellier. Fôrão elles Lordat, Dumas, Berard, Anglada, Jaumes, Dupré, etc., cujos trabalhos servem de modelo ao estudo das theorias vitalistas.

Depois das obras de Barthez, sobretudo dos seus *Elementos da Sciencia do Homem*, dignamente commentados pelo seu amigo e successor, o sabio Lordat, fôrão os espiritos em França se occupando com attenção particular da *theoria da diathese*, exposta n'aquella obra, e que a todos parecia inspirada mais ou menos na evidencia de factos incontestaveis. É assim que, accita a idéa fundamental d'essa theoria, com abstracção do systema no qual ella teve origem, vêmol-a modificada de mil modos nas obras dos auctores francezes, pondo-se ahi de accôrdo com o systema de cada um.

Broussais é o unico que nega categoricamente a idéa fundamental da theoria da diathese.

Entre as obras publicadas no nosso seculo, merecem, com relação a essa questão, attenção especial os livros — de Dumas sobre a *Doutrina geral das molestias chronicas*, de Anglada sobre *A molestia e a affecção morbida*, o tratado de *Pathologia geral* de Jaumes, o de Castan e o de Baumès (de Lyon), sobre as *Diatheses*, e as theses sustentadas por Battle e Aynard, trabalhos publicados em Montpellier. Em Pariz apparecêrão sobre este assumpto trabalhos não menos dignos de leitura, como seião as theses de concurso de Nonat, Grisolles e Racle, e ainda as *Pathologias geraes* de Chomel, Monneret, Behier, Bouchut, e Chauffard. Temos noticia da *Pathologia geral* de Lebert, publicada ultimamente, na qual este auctor reserva um capitulo especial para fazer largo e minucisso estudo das molestias diathesicas (*Gazette Hebdomadaire* n. 24 — 1876, pag. 381).

No seu *Tratado dos tumores*, Broca occupa-se tambem da questão e emite algumas idéas uteis para o seu estudo completo (pags. 142 — 164). O mesmo faz Hardy, no seu *Tratado das molestias dartrosas*; Gigot-Suard no *Tratado do herpetismo*; Berthier na sua memoria sobre as *Nevroses dathesicas*, etc., etc.

Citemos, finalmente, o artigo *Diathese* do *Dicionario de Jaccoud*, no qual o Dr. Maurice Raynaud, com toda a prudencia e criterio, encara e analisa a questão sem nada accrescentar nos seus pontos

capitales. De todos os trabalhos especiaes que consultámos é este, em nossa opinião, o que melhor discrimina e desenreda os elementos necessarios para que o problema da diathese seja convenientemente discutido.

Uhle e Wagner, bem como os auctores de outras *Pathologias geraes* que não mencionamos aqui, não tratão desta materia. O Diccionario em trinta volumes, e o de Fabre e Tarnier não têm a palavra *diathese*.

Taes fôrão as fontes *historicas*, onde fômos beber os precisos conhecimentos para a discussão das theorias cujo desenvolvimento adiante apresentamos.

Generalidades de Ontologia Médica

Na ordem ontologica dos conhecimentos de biologia ou de physiologia geral, quer estes se refirão ao estado hygido, quer ao estado morbido da nossa economia, uma serie de termos existe, correspondentes a outras tantas entidades abstractas, que, por uma interpretação viciosa, constituem-se causas numerosas e frequentes dos parallogismos seductores e de todos esses paradoxos de que estão eivadas as doutrinas medicas de todos os tempos.

No ardor da phantasia, tão em jogo na criação e na discussão das theorias, nas quaes a abstracção se torna indispensavel, a imaginação solicitada a todo o instante pelas difficuldades do assumpto toma muitas vezes um exercicio absoluto, estende o seu dominio sobre todas as idéas, transfigura os factos e configura os entes da razão, passa a esphera dos possiveis e nem sempre é, a tempo, dominada para evitar o absurdo.

São, por exemplo, de emprego trivial, nas questões de philosophia medica a mais elementar, certos termos ou vocabulos de pura *razão philosophica*, representando por consequencia meras abstracções, mas que, substituindo, por necessidade imprescindivel de todas

as discussões, os factos complexos a que elles se referem, emprestão a esses factos qualidades que elles não possuem e, muitas vezes, incompatíveis com a sua propria natureza.

O inverso se dá tambem e ainda com mais frequencia; isto é, certos factos complexos, substituindo as abstracções que entra os sêres da razão representam o seu valor absoluto, emprestão-lhes qualidades relativas que ellas não podem possuir, por isso que a sua significação repelle-as como contradictorias consigo mesmas.

É, pois, de toda a conveniencia, na necessidade em que nos achamos — de discutir uma das mais difficeis e obscuras questões a que a pathologia geral se propõe, estabelecer com precisão o valor philosophico e o alcance racional de certo numero de vocabulos, que ahi têm, nas condições d'esses de que tratamos, a mais commum applicação.

Estão no caso vertente, além de muitos outros que omittimos por menos importantes, os seguintes de que adiante nos vamos occupar: *constituição, temperamento, predisposição, affecção, molestia, causa, reacção, etc.*

Teremos forçosamente, na determinação das questões que mais tarde nos importa ventilar, de voltar á definição de alguns termos que aqui já ficão explicados, e definir mesmo outros que a elles se prendem por estreitas relações. Mas isso ainda não nos dispensa da precaução que tomamos desde já, por isso que importa levar com antecedencia, em discussões desta natureza, o espirito sempre prevenido contra todos os preconceitos que de mil pontos nos assaltão.

O proprio termo — *diathese* — cuja discussão faz o assumpto desta these devêra ser incluído no numero dos termos ácima enunciados; como, porém, nos convem dar mais largo desenvolvimento á sua explicação e exame, reservamos para isso o capitulo que se segue.

O que se deve entender por *constituição*, em sciencias biologicas?

Não é necessario recorrer aos auctores para determinar o valor relativo d'essa palavra; para o nosso intuito, o seu proprio valor absoluto na technologia geral nos pôde servir de guia.

Constituição quer dizer base, fundamento, composição, compleição ou disposição intima, segundo a qual os sêres manifestão, em uma escala indefinida, a resultante geral ou o valor collectivo dos seus agentes formadores (*constituintes*).

Assim, a palavra *constituição* implica dous termos essenciaes para formar um sentido completo: *base* ou apoio, e *força collectiva*. Base de um sêr — são os seus proprios elementos; *força collectiva* é o resultado potencial, a energia ou synergia resultante da collisão ou coalição d'estes ultimos.

A base do organismo são os seus agentes organicos em geral ou os agentes physicos da organisação. A sua coalição, isto é, a collisão perenne em que se achão os agentes physicos do organismo, consiste, em sua ultima analyse, em um equilibrio instavel, vencido por sollicitações contínuas, mas em condições de renovar-se e com uma tendencia perpétua a restabelecer-se promptamente.

Constituição do organismo não é, pelo que fica dito, outra cousa mais do que o proprio organismo com relação á força collectiva dos elementos que o compoem. Ora, esta se manifesta pela tendencia ou resistencia que esses mesmos elementos oppoem á acção antagonica dos seus sollicitadores naturaes.

A constituição do organismo vem a ser, por consequente, o grão de força ou de resistencia que o organismo oppõe aos agentes naturaes que o sollicitão.

D'esta noção resulta que a constituição do organismo só pôde modificar-se em dous sentidos contrarios: para mais ou para menos; isto é, no sentido de augmento ou diminuição da força potencial

que ella exprime. Devemos, portanto, admittir, d'entre todas as modificações de que é capaz a constituição do organismo, apenas duas especies. A constituição typica, isto é, aquella que serve de typo ou de norma para organizações semelhantes, é a constituição *normal*. As suas variações para mais devem ser comprehendidas sob a denominação de constituições *fortes* ou *excessivas*, e as variações para menos de constituições *fracas* ou *insufficientes*.

Baseado n'essas primeiras noções, poderemos definir com precisão e clareza outros termos não menos obscuros da ontologia biologica, cuja determinação philosophica bastaria para dissipar, no terreno da pathologia geral, a obscuridade aterradora de muitas questões controversas, se não fossem tão complexos os phenomenos que elles ahi representam.

É no sentido de constituição do organismo ou *constituição geral* que ordinariamente se emprega em medicina a palavra constituição. Entretanto não é isso razão sufficiente para que se não reconheça tambem a existencia de *constituições parciaes*.

Assim, uma parte qualquer do organismo, desde que se individualise por um complexo de actos tendentes a um mesmo fim, desde que se componha de um certo numero de agentes semelhantes, unidades homogeneas ou elementos, formando um todo determinado e contribuindo com a sua resultante para a constituição geral, —essa parte do organismo possui a sua constituição parcial.

Portanto todo o systema de forças da nossa organização tem, *ipso facto*, a sua constituição propria. O systema nervoso, por exemplo, o sanguineo ou o lymphatico têm uma constituição que lhes é peculiar, variando em seu gráo de força para mais ou para menos, conforme o typo que os representa em organismos semelhantes. Se applicarmos essa mesma noção aos aparelhos organicos, aos órgãos, aos territorios cellulares, e emfim á propria cellula, teremos um resultado analogo, isto é, uma constituição para cada aparelho, para cada órgão, etc.

O typo ou norma de toda a organização suppõe uma certa proporção entre as synergias parciaes que concorrem, pelo seu equilibrio, para a constituição de um organismo. A variação para mais ou para menos, que soffre, n'aquella proporção typica, a constituição de um *systema* do organismo, acarreta um desvio ou modificação lateral da constituição do proprio organismo, no sentido do *systema* que se modifica. Si essa modificação lateral de que a constituição se resente não é sufficiente para determinar oscillações consideraveis no equilibrio total ou parcial dos *systemas*, o desvio póde subsistir indefinidamente. Tal é o — *temperamento* — se se trata de um dos grandes *systemas*, e a — *predisposição* — se se trata de um órgão ou *systema* inferior.

Descendo progressivamente, por uma decomposição methodica, na escala das synergias do organismo, chegamos em ultima analyse á constituição elementar, simples e indivisivel, cuja decomposição importa por si mesma na negação absoluta da propria organização.

Da synergia dos agentes organicos *immediatos*, em numero sufficiente para tomar a *fórma organizada*, resulta o elemento do organismo ou organismo elementar.

A fórma organizada, em sua ultima analyse, exige, como condição essencial, que um agente organico immediato qualquer (*substancia organica* de Ch. Robin) em collisão com outro, e arrebatado constantemente por um terceiro que o solicita, seja prompta e continuamente substituido por um agente semelhante que um meio conveniente lhe fornece.

A collisão de dous agentes organicos immediatos, capazes de equilibrio, symbolisa uma *resistencia*, por isso que em taes condições só podem obrar — resistindo — á provocação de outro agente. Um agente organico qualquer (immediato), capaz de romper aquelle equilibrio, symbolisa uma *potencia*, por isso que obra — solicitando — ou expellindo um dos agentes em collisão (*desassimilação*). O equilibrio, porém, se renova incessantemente

pelo encontro do agente isolado com um novo agente que chega (*assimilação*).

Na successão alternativa dos phenomenos de assimilação e desassimilação consiste a *nutrição*, que é o facto mais elementar da conservação do organismo ou *vida*.

O resultado da desassimilação, de um lado, e da assimilação, do outro, é o que se chama *função*, que se divide, portanto, em função eliminadora e função reparadora. A successão indefinida d'esses dous resultados se denomina *evolução*.

A evolução de um organismo se faz segundo o proprio systema de agentes organicos immediatos que entrão na sua composição. Cada systema de agentes organicos capazes de compôr um organismo constitue um typo de organização, de evolução e de vida.

O concurso de todo agente accidental, extranho á composição do organismo, ou ás suas condições normaes, occasiona por sua presença uma modificação correspondente nos productos da evolução. A evolução assim desviada do seu typo anterior é o que representa a *affecção*.

Os productos mesmos da evolução, modificados pela existencia de uma affecção no organismo, é o que constitue a *molestia*. O agente extranho á norma de um organismo qualquer obra, pois, como *causa* de affecção e de molestia.

A serie de actos novos que a presença de uma causa de molestia provoca no organismo é o que se chama vulgarmente *reacção*.

Dadas estas noções preliminares, com cujo auxilio queremos evitar digressões ulteriores na exposição do nosso assumpto, passemos a indagar agora a noção que o termo—*diathese*—encerra.

Floração de diathese

Antes de levantar o edificio é mister pensar nos alicerces.

(BALMES.—*Philos. Fundamental.*)

Essa noção, tão diversamente interpretada e definida, tira o seu proposito da necessidade imperiosa que sente o espirito do medico de procurar nas disposições geraes do nosso organismo as leis que regem certa ordem de phenomenos especiaes observados na marcha e evolução das molestias *diathesicas*.

O que é molestia diathesica?

Não póde haver difficuldade, em vista do que acabamos de dizer, em dar a esta questão uma resposta satisfatoria, por isso mesmo que a molestia diathesica destaca-se por si do quadro nosológico, pelo simples exame dos *factos especiaes* a que nos referimos.

Entretanto, alguns auctores, senão quasi todos, desviados inteiramente do proposito d'aquella separação clinica pelo impulso de idéas preconcebidas, emprestarão á questão primitiva intuitos de alcance diverso, e virão-se levados, pela successão logica de suas consequencias, a admittir, de accòrdo com os seus principios, um numero extremamente variavel de molestias diathesicas. Assim é que

muitos, como Anglada, Baumès, Bouchut e outros vitalistas derão-lhe um numero infinito. Foi por uma razão opposta que Broussais e a sua Escola regarão-na completamente. Ainda por um motivo analogo, os antigos confundirão-nas com as outras molestias, não encontrando, sob vistas limitadas, nada de especial na observação dos symptomas que os auctorisasse a crear o grupo das molestias diathesicas; para elles todos os symptomas se explicavão por um estado indefinido; o termo *diathese* fôra synonymo de affecção, se então fôsse adoptado.

Deixando, por isso, de parte a opinião dos auctores por enquanto, respondamos á nossa questão nos termos simples em que a Clinica a propõe.

Eis aqui os unicos factos especiaes, cuja explicação as necessidades clinicas exigem dos conhecimentos anatomicos e physiologicos que a sciencia até hoje possui :

1.º *Tenacidade*.—Existem certas molestias que resistem energicamente a todo o tratamento e, quando melhoradas ou aparentemente curadas por qualquer medicação, tomão novo incremento e reaparecem em campo, se a medicação se suspende.

2.º *Hereditariedade*.— Algumas dessas molestias modificão a tal ponto a economia de um individuo ou a ella se incorporão, que a sua transmissão se effectua por via de geração, fazendo eclosão nos filhos em certas épochas da vida, em uns immediatamente, em outros sob a influencia de circumstancias variaveis.

3.º *Intermittencia*.— As manifestações proprias d'essas molestias podem, por sua mesma evolução, deixar o individuo livre durante um tempo variavel para reaparecer mais tarde, com menor, a mesma ou a maior intensidade.

4.º *Substitutividade*.— Depois de terem feito eclosão em um ponto e terem desaparecido mais ou menos completamente, podem certas lesões apparecer immediatamente depois em outros pontos com a mesma ou com fórmulas diversas.

5.º *Promiscuidade*.— Certas manifestações de algumas d'essas molestias affectão indistinctamente, alternada ou simultaneamente, órgãos e regiões, entre os quaes não existe muitas vezes uma relação physiologica ou anatomica positiva.

Taes são os phenomenos especiaes que a razão clinica não pôde ainda explicar. Esses factos postos de parte, as molestias em que elles se passam entrão para o quadro das molestias triviaes. Elles constituem, portanto, caracteres bem distinctos d'essas mesmas molestias.

É, pela reunião dos caracteres geraes das molestias diathesicas, que se fórma o typo commum, que na pathologia geral as representa.

E assim fica-nos explicado o proposito da palavra *diathese*, e a noção elementar que ella deve exprimir. Ella não encerra, com effeito, outra cousa mais do que a noção dos caracteres communs ás molestias diathesicas e differenciaes das outras molestias. É o typo que resulta da reunião daquelles caracteres e representa no mais alto gráo a razão classica das molestias que os offerecem, isto é, a razão pathologica da differença que medeia entre estas molestias e todas as outras do quadro nosologico.

DEFINIÇÃO PREPARATORIA.— *Diathese* é, por consequencia: a razão pathologica, em virtude da qual certo numero de molestias, tenazes a todo o tratamento, se transmittem por herança, se manifestão com intermittencias mais ou menos longas, por lesões que se podem substituir, em certas condições, e affectão promiscuamente tecidos e órgãos diversos, variando de fórma de um modo indeterminado.

D'esta definição resulta naturalmente uma duvida, uma interrogação que o espirito faz a si proprio. Ella encerra, de facto, um problema a cuja resolução a pathologia se applica.

Qual a razão pathologica, em virtude da qual certas molestias manifestão aquelles caracteres? Tal é o problema.

A historia da medicina moderna e contemporanea registra em

suas paginas a discussão renhida que travarão na sciencia as diversas escolas medicas, com o fim de resolvê-lo.

Vejamos o resultado que a sciencia d'isso colheu. É o proposito do subseqüente capitulo.

Exame das theorias

Si quelqu'un parvenait à dégouter les philosophes, les physiologistes, les médecins, de la recherche de l'inaccessible et à diriger tous leurs efforts intellectuels vers l'accessible, quelle somme de forces, actuellement encore perdue, ne serait elle pas unie dans l'intérêt de la vérité!

(BROUSSAIS.— *Philos. de la Méd.*, pag. 10.)

As theorias diversas que nos foi possível recolher, pela leitura da historia geral da medicina e pelo estudo especial da materia que nos occupa, filiã-se, como todas as outras theorias, aos systemas creados desde Hippocrates e Galeno, ou antes desde Themison e este ultimò, para philosophar nas sciencias medicas.

Assim, podemos dividil-as, segundo a ordem d'esses mesmos systemas, em: humoral, solidista, vitalista, humoro-vitalista, solido-vitalista, eclectica, chimista, etc., etc.

Comquanto a theoria humoral da diathese tenha sido de ha muito julgada pelos progressos da sciencia, comtudo, tendo dominado por muitos seculos, enraizou-se nos espiritos de tal modo, que, tomando com aquelles mesmos progressos fórmas mais seductoras, chegou a atravessar esse longo tempo e goza ainda hoje do prestigio de alguns homens notaveis.

Segundo ella, a diathese não é mais do que uma alteração permanente das qualidades do sangue, acarretando desordens mais ou menos profundas na nutrição dos tecidos em geral e, d'ahi, lesões mais ou menos variaveis de ordem anatomica e physiologica. Os auctores d'essa theoria se limitão na sua exposição a simples affirmações, vagas e indecisas, cuja base é tambem uma proposição incerta, além de obscura e por demais elastica. Não nos referimos certamente á doutrina de Galeno e menos ás idéas de Erasistrato, segundo as quaes a molestia consistia em uma variação da proporção normal dos humores da economia, pois fôra ocioso fazermos hoje considerações sobre o valor de taes *doutrinas*.

Uma theoria, em sciencia, para que mereça esse nome, deve sustentar-se sobre uma base bem positiva, estavel e definida. Axioma ou não, o principio de que ella se origina deve ser um principio scientifico, uma verdade evidente ou evidentemente demonstrada. De premissas duvidosas ou de principios hypotheticos não podem ser deduzidas senão conclusões contestaveis. É um abuso deploravel e infelizmente bastante em moda na criação de theorias medicas essa facilidade com que se inventão a cada passo suppostas verdades sem o menor escrupulo, e sobre ellas se erguem escolas e doutrinas.

Quem já demonstrou no sangue dos diathesicos uma alteração apreciavel que não seja commum a todas as molestias chronicas? E é justo que de experiencias absolutamente negativas se queirão tirar illações tão peremptorias?

A theoria humoral, portanto, cabe por leviana demais, illogica e sem fundamento nos factos.

A isso limitariamos as nossas reflexões e passariamos adiante, se o artificio caprichoso da imaginação humana não houvesse, com vantagem digna de melhor applicação, retocado de brilho seductor, appellando para o progresso da sciencia, as partes vulneraveis d'aquella theoria.

De facto, uma velha theoria pertence antes ao dominio da historia do que á sciencia contemporanea em que se conhece a cellula e a funcção cellular como elementos da organização e da vida. Seria irrisorio e digno de profunda lastima que o mais singular dos sabios viesse em nossos tempos fallar em humores da economia como elementos da molestia ou principios da organização animal.

Mas é que nem a razão theorica nem a nossa phantasia esgotão jámais os seus recursos, e cada lacuna que a sciencia assignala no campo de suas investigações é um arsenal immenso de abstracções, com que a imaginação provê aos seus insaciaveis caprichos. Aqui, no caso em que discutimos, servem de apoio á theoria uma ordem de argumentos muito em voga na exposição das doutrinas, mas apenas de valor no que respeita á sua categoria. São os argumentos *per absurdum* ou por exclusão, baseados no methodo inductivo. Vejamos como procedem os defensores da theoria humoral na formação do seu systema.

Partindo da idéa de que as molestias diathesicas affectão indistinctamente todos os pontos do organismo, estabelecem como character indiscutivel d'essas molestias a sua *universalidade*, isto é, a ubiquidade da causa morbifica que preside ás suas manifestações.

Quer isso dizer que todos os tecidos do organismo soffrem a influencia directa ou de presença do principio morbigenico ou da *condição* morbida universal. Ha incontestavelmente n'aquella classe de molestias uma disposição anomala ou pathologica, cuja séde se discute, é verdade, mas sob cuja dependencia se perturbão os actos geraes da nutrição dos tecidos, com determinação de lesões variaveis em qualquer ponto da economia.

Busquemos, então, a causa, pois que ella infallivelmente existe. Haverá porventura um effeito sem causa? um phenomeno determinado sem um principio que o explique? Será

possivel que uma serie indefinida de lesões apparentes, compromettendo promiscuamente qualquer ordem de tecidos ou passeiando livremente por todos os órgãos da nossa economia, não reconheça uma causa tambem universal? Um principio que acompanhe esses effeitos?

Ora, o sangue é o unico vehiculo possivel para um principio tão caprichoso, e é por consequencia a séde provavel, senão incontestavel, da causa que preside ás determinações da molestia diathetica ; *é ahí que está a diathese.*

É por isso que Hiffelsheim a define explicitamente : « Um estado morbido do sangue, manifestado por localizações morbidas em um humor ou em um tecido particular . » Adithese não passa, portanto, de uma dyscrasia para a theoria humoral contemporanea.

Assim pensão, em resumo, os auctores e proselytos d'essa theoria, e, se a analyse directa, chimica, physica ou microscopica, nada demonstra rigorosamente a esse respeito, nem por isso deixão aquelles theorisadores de sustental-a, ás vezes com talento ou mesmo com enthusiasmo.

Entretanto, para todo aquelle cuja razão não está fatalmente dominada pela preocupação de uma theoria, ou pelo imperio absoluto de um systema, torna-se bem claro o vicio da argumentação precedente. Basta para isso que indaguemos, n'esta serie de illações, a consideração que merecem não só as premissas estabelecidas, como a direcção que foi dada ás suas conclusões.

Se quizermos seguir fielmente os preceitos classicos da logica, veremos de facto que, em uma de suas primeiras e mais banaes recommendações, ella exige como essencial, para que se chegue a conclusões verdadeiras e inconcussas, que as affirmações contidas nas premissas sejam certas e evidentes, ou evidentemente demonstradas. O que fazem, porém, os humoristas? Partindo da idéa de que as molestias diatheticas atacam indistinctamente todos os tecidos do

organismo, é que elles chegam ás suas ultimas conclusões. Ora, estará demonstrada á evidencia, como exige terminantemente a logica, esta proposição absoluta? Nas molestias diathesicas, mesmo nas mais universalizadas que a clinica consigna ou que a pathologia conhece, na syphilis, por exemplo, na escrophulose ou no cancro, acaso poderão as suas lesões características atacar, ou атаção effectivamente qualquer ordem de tecidos sem distincção ou escolha? Quem já o provou á evidencia? Quem o demonstrou na sciencia?

Aquella proposição categorica, aproveitada pelos humoristas e encaixada na sua doutrina, como base de uma theoria geral, corre, é verdade, nos livros dos especialistas e nas pathologias geraes como cousa mais que provada. Diz-se, por exemplo, como facto incontra-verso, que a syphilis é capaz de determinar lesões, não só de ordem funccional, como de ordem organica, em qualquer ponto da economia ou em qualquer órgão indistinctamente. É assim que: ella ataca a pelle e as mucosas, o systema osseo, o systema muscular, o systema nervoso, o circulatorio e as visceras. Com o cancro se dá o mesmo e ainda com o herpetismo. As differenças topographicas que entre essas molestias se podem assignalar são apenas de predilecção.

Mas agora vejamos se essa affirmacção banal póde ser sustentada em rigor, ou se está demonstrada como proposição absoluta.

A syphilis ataca a pelle, de facto, e em toda a sua extensão; ninguem o póde negar. Mas porventura a syphilis póde assestar as suas lesões em qualquer ponto com relação aos tecidos? A pelle não é um simples tecido, mas uma reunião de tecidos; não é mesmo um simples órgão, mas um complexo de órgãos. Terão as lesões da syphilis a sua séde positiva indistinctamente nas cellulas epidermicas, no corpo mucoso de Malpighi, no trama fibroso do derma, nos folliculos sebaceos, nas glandulas sudoriparas, nos folliculos pillosos, na rêde lymphatica sub-epidermida ou dermica, ou emfim collectivamente em todos os tecidos?

Quando é o musculo que soffre, é na fibra muscular que se localisa a lesão, ou nos tecidos que a rodeião? As mesmas interrogações poderemos ainda fazer com respeito aos demais órgãos em que lesões diversas apparecem, sob a influencia da syphilis.

Relativamente ao cancerismo e ao herpetismo existem as mesmas duvidas e as mesmas incertezas. A nenhuma das questões propostas respondem com a precisão exigida as descrições as mais completas da anatomia pathologica. E como exigir sobre taes bases, sobre principios incertos e gratuitos, uma theoria geral e absoluta? Poder-se-ha impunemente transportar as illações que d'ahi se tirão para o terreno da philosophia medica, e arvorar-as em verdades dogmaticas?

Outra objecção capital é sem duvida a que se sefere á applicação das conclusões da theoria a factos que não entrão nas premissas. Se a dyscrasia só é *demonstrada* rigorosamente, nas molestias diathesicas, pela universalidade de suas manifestações, ella só deve existir ou só *póde ser affirmada* quando esta tiver logar. A conclusão não deve em caso algum ser mais extensa do que as suas premissas. Ora, não só esse character (fallamos da universalidade) não pertence a todas as molestias diathesicas, como, mesmo n'aquellas que o possuem, elle não é permanente, o que importa em dizer que a dyscrasia só existe para estas ultimas molestias, nas quaes entretanto ella sobrevem como *accidente*.

Ainda mais. Será effectivamente o sangue o unico vehiculo capaz de transportar um principio morbifico por toda economia, pelo menos nos mesmos limites em que o sangue o póde fazer? Não o poderá ser a lympha? E, se a causa da molestia não é uma substancia extranha ao organismo, mas uma simples *condição*, um vicio organico qualquer, não estará o systema nervoso nos casos de tel-a em si?

Nada d'isto previo a theoria humoral.

Finalmente, admittamos, por um momento, que a economia

inteira soffra a influencia directa ou *de presença* do principio ou causa morbifica, e que o sangue seja o unico vehiculo capaz de tornal-a universal.

O que é, porventura, o sangue e que papel representa elle no organismo? É uma massa liquida, sem existencia individual, queremos dizer, sem qualidades proprias, que representa a organisação inteira em seus elementos constituintes, mas que os recebe de fóra ou da funcção *dos tecidos*. Renova-se a cada instante, rehavendo do exterior o que lhe tirão os tecidos e dando constante sahida ao que os tecidos lhe entregão. Portanto, a massa sanguinea tem uma composição toda relativa áquillo que percebe e áquillo que despende; os principios que ahi existem lhe vêm de duas fontes. Se um elemento novo ou qualquer principio estranho á sua composição primitiva foi encontrado em seu seio, é forçoso que uma fonte tambem nova e anormal se tenha aberto fóra do organismo ou nos seus proprios tecidos. Se a alteração dyscrasica perdura, quer isso dizer que a fonte tornou-se perenne. Na hypothese de uma causa negativa, a falta, qualquer que ella seja, deve ser igualmente referida a uma perturbação, por ausencia de elementos, nas fontes naturaes que provêem á sua composição.

Eis ahi, em poucas palavras, sufficientemente provado que, se dyscrasia existe, como quer a theoria humoral, ella só existe como effeito e não como causa absoluta.

Tal é o apoio que encontra essa theoria nos dados racionaes. Já vimos igualmente que os factos a desmentem.

Surge então na arena, rodeiado de prestigio e animado de esperanças, o velho solidismo de Erasistrato e de Themison, alargando de seus limites acanhados a caduca pathogenia humoral. Cælius Aurelianus, Hoffmann, Baglivi, Cullen, Brown, Rasori e a Escola de Bolonha transportão-no através dos seculos e protegem-no com os progressos da sciencia. E o que descobrirão esses grandes homens? que patrimonio deixarão elles á sciencia contemporanea?

É no solido que devemos ir buscar a modificação primordial de toda a molestia chronica; é n'elle, sim, que está a causa dominante e geratriz d'essa classe de molestias. O solido é a fonte originaria de toda a alteração permanente. Os humores não têm vida, nem podem responder por uma alteração duradoura á acção de uma causa morbifica; o sangue se renova incessantemente. Elle é um producto do trabalho collectivo dos solidos, e não um agente de producção, uma fabrica; é um simples deposito, e não uma fonte activa de materiaes; é um effeito que se substitue a todo o instante e no qual se denuncia as modificações de sua causa. Ora, se é verdade que o effeito nunca póde exceder á causa que o produziu, segue-se que toda a alteração dyscrasica com o character de permanencia deve ser forçosamente referida a uma modificação permanente e preexistente dos solidos.

Nos solidos está, por consequencia, localisada a diathese, a causa prima das molestias diathesicas. Por uma etiologia desconhecida e provavelmente complexa, os elementos solidos modificão-se lenta e gradualmente em sua *constituição*. D'ahi uma disposição morbida geral, e uma modificação parallela no seu funcionalismo e perversão mais ou menos profunda na sua nutrilidade. Um circulo vicioso se estabelece em taes circumstancias, e é assim que uma provocação mesmo passageira (rheumatismo, etc.) póde motivar em casos especiaes uma disposição morbida persistente. É então que, debaixo de influencias ligeiras ou mesmo espontaneamente, uma susceptibilidade se desperta, e se traduz promptamente por uma lesão apparente.

Tal é a theoria solidista da diathese. Esta consiste em *uma modificação constitucional dos solidos*, acarretando uma perversão radical da nutrição do organismo. O sentido em que se effectua tal modificação varia essencialmente, segundo as opiniões que a pretendêrão decifrar. Para Themison ella se realiza de dous modos oppostos —ou pelo *strictum* ou pelo *laxum*. No primeiro caso, os solidos se conchegão

e se apertão por uma tendencia irresistivel, fazendo recuar os liquidos que os separão, com todas as consequencias que d'ahi devem provir. No segundo caso figurado, dá-se precisamente o inverso. Para Brown, os factos se passão de modo differente: não ha sympathy nem antipathia, porém um augmento ou diminuição de sua energia natural com depressão ou exaltação de sua actividade normal. N'isso consistem as suas diatheses, que se dividem em *sthenica* e *asthenica*. Rasori designou-as — de *stimulus* e de *contra-stimulus*.

Cumpre notar que essas theorias de Themison, Brown e Rasori têm igual applicação para as molestias chronicas e para as molestias agudas.

Fôra quasi dispensavel discutirmos similhantes theorias, já perdidas nas trévas do seculo passado.

O seu principal defeito, no que toca ás *molestias diathesicas* da technologia actual, consiste em partir de uma hypothese. Que ordem de factos nos provão que os solidos, na apparencia normaes, estão positivamente affectados de um vicio constitucional? Soffrerão todos elles ou apenas um limitado numero d'elles? A theoria solidista não tem uma base sufficiente para optar por esta ou por aquella affirmação.

O segundo defeito, e tambem essencial, que offerece a theoria solidista da diathese, consiste na falta absoluta de alcance scientifico. Com effeito, ella pouco nos adianta tirando a causa morbifica do liquido para fixal-a no solido. E que merecimento póde ter uma theoria que nada nos esclarece, ou limita o seu proveito a recuar as trévas da sciencia de um para outro canto do horizonte? De que póde servir um raciocinio no vago e no meio de hypotheses? Vicio desconhecido, causas desconhecidas, acções desconhecidas—tal é a origem das leis que nos dá como fructo de suas investigações aquella doutrina medica.

É, porém, n'essas condições que o espirito imaginoso e fecundo dos theorisadores antigos e modernos recorre como a unica tabua

de salvação da sciencia, naufragada com o descalabro dos systemas, a um principio novo, temperado na philosophia de Bacon pelo genio de Barthez, e portanto mais elevado, menos accessivel aos factos, seu eterno desengano.

Barthez creou o *principio vital*, deu-lhe o sceptro despotico da vida e o condão magico de todas as molestias possiveis. Tal foi o recurso supremo de que lançou mão o chefe da escola de Montpellier para secundar os velhos systemas, reunindo-os em uma só doutrina, a que a sua escola se consagrou até hoje, com uma tenacidade digna de uma concepção mais progressista.

A theoria vitalista da diathese, resultado da applicação da doutrina bartheziana ao estudo das molestias diathesicas, é das mais complexas e vastas, mas nem por isso menos obscuras e inconsequentes do que as anteriores. Dumas a expõe extensa e detalhadamente no seu livro sobre a *Doutrina Geral das Molestias Chronicas* (Paris — 1824 — T. II, Cap. VI, Pag. 77).

Vê-se, por essa longa exposição, pacientemente feita por Dumas, quanto se esmera a escola de Montpellier em destacar a noção de *affecção* da noção de *estado morbido*. Com relação ás molestias diathesicas, este constitue a — diathese — e aquella as suas manifestações.

Estabelecendo esta distincção categorica entre *estado* ou disposição e *affecção* ou acto morbido, a escola de Barthez parece prestar um serviço real e incontestavel ao estudo theorico da pathogenia das molestias. Os principios, porém, em que essa escola se basêa para crear a theoria da diathese são absolutamente falsos, indemonstraveis e de uma applicação viciosa. Varía ella infinitamente de fórma, segundo o juizo de seus auctores, conservando, porém, o fundo invariavel do systema que as gerou.

Tudo quanto dissemos ácima com relação aos aphorismos arbitrarios do humorismo e do solidismo, por identidade de motivos, tem aqui inteiro cabimento: apenas o principio *vital*, verdadeiro

fac-totum dos vitalistas, é constantemente invocado nos pontos em que a ignorancia dos factos se faz sentir com desanimadora crueldade. Por exemplo, aquelle principio admiravel presta serviços de inestimavel importancia para explicar a *universalidade* da diathese e promiscuidade das lesões diathesicas, caracteres esses cuja exposição philosophica não póde ser brilhantemente feita com o simples apoio dos factos.

É preciso appellar então com franqueza para os recursos da imaginação, entrar resolutamente no arsenal das abstracções, e escolher d'entre as mais singulares aquellas que melhor se amainão com esses caracteres obscuros. Eis a mola real, o eixo magico da doutrina vitalista!

Lordat, Dumas, Berard, Anglada, Dupré, Jaumes e Castan, rês-peitando religiosamente os principios elementares da physiologia de Barthez, como artigos sagrados do codigo vitalista, imprimem modificações de alcance diverso á theoria diathesica da Escola.

Assim, Lordat e Berard mui pouco se afastão das idéas theoreticas desenvolvidas no livro de Dumas.

Anglada, dilatando alguns pontos incompletos e precisando outros indecisos, define a diathese: « uma affecção morbida especifica, persistente, geral, sempre chronica, latente, tendo symptomas especiaes cujo apparecimento, desaparecimento e reaparecimento se ligão sempre á influencia da affecção preexistente ». Anglada, além disso, não admite como Dumas a necessidade de uma lesão dos solidos ou dos liquidos para que haja diathese. Esta póde reduzir-se a uma simples affecção do principio vital, isto é, segundo a linguagem da sua escola, a uma impressão constitucional.

Jaumes concorda n'esta ultima consideração com Anglada; porém, requintando o que a theoria vitalista tem de mais vago e abstracto, capitula a diathese de uma simples qualidade apposta á natureza da affecção.

« A palavra *diathese*, diz elle, não passa de um adjectivo

empregado como substantivo, disignando uma maneira de ser e que, separado do seu objecto, não tem existencia real.»

Assim, por exemplo, o rheumatismo, que é em si uma affecção vulgar, da ordem das molestias agudas, torna-se diathesico, segundo Jaumes, *desde que se enraiza na constituição do individuo*. O mesmo se póde dizer do escorbuto, da hysteria, dos dartos, etc.

Jaumes reduz, pois, a entidade *diathese* a um simples caracter da molestia diathesica — a chronicidade ou tenacidade — que elle associa a os outros caracteres da molestia.

Jaumes explica, portanto, o facto por uma questão de palavras, evitando por uma commoda evasiva analysar o problema.

À parte essa inconfessavel fugida do eminente professor, fica entendido, segundo a sua opinião, que toda a molestia *chronica* é diathesica *ipso facto*. A molestia *chronica* para elle (*Leçons orales*) não é mais do que a molestia que ataca o temperamento ou um temperamento morbido. Temperamento é o complexo de qualidades constantes que especificão a vida do individuo. De onde se conclue que a diathese, para Jaumes, é o complexo de qualidades morbidas que especificão a vida do individuo. Mas quaes são essas qualidades morbidas que especificão a vida do individuo diathesico? Para o auctor é a chronicidade. Portanto, a sua explicação redunda em uma petição de principio.

Bazin, tambem da escola de Barthez, estabelece uma distincção arbitraria e inutil entre molestias constitucionaes e as diatheses.

Diz elle:

«*Molestia constitucional* é toda a molestia—aguda ou *chronica*, pyretica ou apyretica, contínua ou intermittente, ordinariamente de longos periodos, contagiosa ou não—caracterisada por um complexo de productos morbidos e affecções variadas, interessando indistinctamente todos os systemas organicos.»

«*Diathese* é a molestia (descripta ácima) caracterisada pela formação de um só producto morbido.»

Sem querer tomar em consideração o desaccôrdo singular que vai entre essas definições e os preceitos elementares da logica, fôra para desejar que o professor Bazin definisse precisamente o que entende por *producto morbido*.

É natural, porém, acreditar que esse producto consiste no resultado material da evolução mesma da causa morbifica; de onde se deduz que toda a affecção catarrhal das mucosas, todas as phlegmasias suppuradas, a febre typhoide, o cholera-morbus, enfim as molestias as mais disparatadas, segundo as idéas de Bazin, devem ser diathesicas. Ora, estabelecer differença capital entre as molestias, a favor de um caracter tão frivolo, é certamente um abuso sem razão que o justifique. Além disso, a classificação dada por este auctor está incoherente com a sua propria definição, porquanto elle admite a diathese *gangrenosa*, e não admite a diathese *syphilitica*.

Castan (*Traité des diathèses*— Montpellier, 1867) mostra-se mais fiel aos principios da Escola. O seu empenho todo consiste em fazer a fusão das idéas de Jaumes com as de Anglada, seus mestres.

Eis, em resumo, o que nos diz esse auctor:

« Entre a affecção chronica e a diathese não vai grande distancia: a diathese é uma molestia chronica *com caracteres particulares*. »

Esses caracteres particulares são enumerados e definidos na seguinte ordem, mais ou menos: *viciação constitucional do organismo; unidade de causa morbifica; identidade da natureza de suas manifestações; perpetuidade; latencia; transmissibilidade hereditaria*.

De onde a seguinte definição: « Diathese é uma affecção morbida, constitucional, por consequencia chronica, persistente, podendo ficar por mais ou menos tempo latente, cujas manifestações, fazendo-se sobre a sensibilidade ou a plasticidade, e desenvolvendo-se todas sob a influencia de uma causa identica, são incapazes de resolver a affecção primitiva, quer em facto quer em tendencia. »

Sem duvida, é a theoria de Castan uma das mais regulares e mais bem estabelecidas que têm sido apresentadas. Ella, com effeito, é

a que mais tende a approximar-se da realidade dos factos, e que mais claramente expõe as suas bases e conclusões. O auctor, fundando-se na analogia essencial que, segundo os preccitos da sua escola, existe entre a molestia chronica e a molestia diathetica, procura justificar então perante os factos da physiologia e da clinica a separação universalmente aceita entre esta e aquella. Assignalando, finalmente, os caracteres particulares da molestia diathetica e distinguindo-a da molestia chronica como o *grupo da especie*, parece com effeito responder categoricamente ás interrogações da questão.

Infelizmente, o habil professor, respeitando de mais a tradição sagrada da escola vitalista e os principios absolutos do Methodo de Barthez, parte de uma idéa preconcebida e basêa a sua theoria em uma noção completamente falsa.

Molestia chronica, para Castan, é toda a molestia de marcha lenta e de evolução incompleta, essencialmente caracterizada pela modificação pathologica que as suas causas imprimem no temperamento do individuo.

Sobre que dados se apoia o illustrado auctor para affirmar que a chronicidade resulta dessa indemonstravel affecção do temperamento? O que vem a ser, ou o que pôde ser um temperamento morbido? Porventura não é o temperamento uma simples abstracção, uma entidade subjectiva? um simples modo de ser?

Temperamento, em sua accepção mais ampla, não é mais do que a *relação* de proporção existente entre as funcções geraes da economia; exprime, pois, um modo de ser das funcções, umas para com as outras. Ora, pôde, em boa philosophia, uma qualidade qualquer receber a opposição de uma nova qualidade? Temperamento morbido é uma expressão sem valor e nada significa, porque significa tudo. Dizer que o temperamento soffre é dizer tão sómente que as funcções soffrêrão uma quebra de suas relações normaes, que o organismo mudou de typo physiologico. (V. GENERALIDADES).

Se Castan toma a palavra temperamento no sentido de

constituição, como parece pela sua definição, os mesmos argumentos servem para demonstrar que a base da expressão é fictícia, n'esse caso como no precedente.

Sobre alicerces tão moveis não é possível realmente erigir uma theoria.

Os *caracteres particulares* da diathese, que Castan enumera em seu livro e que constituem a base clinica ou pratica da sua theoria, são também arbitrarios, confrontados com os factos. Onde provou o auctor, ou alguém por elle, que a causa morbifica é unica ou identica nas molestias diathesicas?... É questão *ad probandum*, e tão problematica como a viciação constitucional. Os outros não são exclusivos a essa classe de molestias. Portanto a differença entre diathese e molestia chronica não ficou fundamentada.

Bouchut, filiado á escola vitalista, expõe, em seu tratado de pathologia geral e semeiologia, as idéas que adopta a respeito das molestias diathesicas, mais ou menos de accôrdo com os chefes d'aquella escola (*Traité de Pathologie Générale et Seméiologie*—Paris, 1869, pag. 238.)

Nota-se, pela simples leitura d'esse capitulo de sua obra, quanto é indecisa e vaga a opinião que elle defende. Elle hesita em escolher a diathese entre a *constituição morbida* e a *dyscrasia*, cedendo finalmente, depois de frequentes oscillações, em favor da primeira hypothese. Entretanto, os objectos a escolher não offerecem differença notavel para o caso vertente; quer optasse por uma, quer por outra, não pudéra o auctor escapar da hypothese, e de uma hypothese absurda. Dizemos—hypothese absurda—com referencia á constituição morbida, expressão vazia de sentido e de emprego injustificavel em ontologia medica. Quanto á sua dyscrasia, á qual elle liga uma importancia capital na formação da *diathese*, julgamol-a já discutida.

Passemos a dizer o que pensamos a respeito da theoria, tão romanescas quanto singular, imaginada por Baumès (de Lyon) e

desenvolvida no seu *Compendio das Molestias Diathesicas (Précis sur les Diathèses* — Lyon, 1853, pags. 26—35).

Essa theoria está contida toda, no que toca aos seus principios, na propria definição que Baumès propõe. Diz elle :

« A diathese é uma *necessidade anormal* da vida vegetativa, muitas vezes hereditaria, algumas adquirida, devendo imperiosa, fatal e espontaneamente se revelar por manifestações morbidas que apparecem, depois desaparecem em um ponto para reaparecer em outro, em épochas separadas por intervallos mais ou menos longos, e que affectão em toda a parte fórmas mais ou menos identicas ou revestem fórmas diversas, porém sempre derivadas do mesmo principio. »

A theoria de Baumès é com certeza uma das mais engenhosas e sedutoras. A de Bordeu não o é mais. Intercaladã, porém, em um livro de sciencia, ella representa apenas um abuso pouco escrupuloso, tratando-se sobretudo de um sabio, como o é certamente Baumès.

Diz este auctor que a diathese é uma *necessidade anormal da vida vegetativa*. . . *Vida vegetativa* é o complexo de actos que o organismo executa em prol da conservação do seu estado natural. *Necessidade* quer dizer sensação ou percepção affectiva da ausencia de alguma cousa ou falta de execução de um acto. Vê-se que a phrase de Baumès é toda metaphorica.

As necessidades normaes da vida vegetativa são, aliás, em resumo —a crase do sangue e a integridade funcional dos solidos do organismo (*nutrilidade, motilidade e nevrilidade* de Ch. Robin). Em qual d'essas condições da vida vegetativa se faz sentir a *necessidade anormal* de Baumès? Elle não nô-lo diz; e voltamos assim á —lesão constitucional — dos auctores precedentes, idéa preconcebida, e sem o menor valor pratico ou theorico que a justifique. Dizer que a *necessidade anormal* em questão resulta de uma lesão inaccessible aos nossos meios de investigação é evitar o problema, recuando a difficuldade e não —resolver-o— qual é o fim da theoria.

Fóra da escola de Montpellier, Hildenbrand (*Médecine Pratique*) emittio idéas muito approximadas á doutrina ahi seguida e nella se baseou para definir a diathese: «uma constituição propria e especial ao corpo humano, que entretem uma oportunidade particular e persistente, em certas molestias, e que produz essas molestias em diversos grãos como causa proxima.» A constituição, porém, como já o dissemos, é a resultante geral das energias potenciaes elementares do organismo. A resistencia potencial que os agentes elementares do organismo offerecem aos seus perturbadores—é a constituição elementar. Dizer, portanto, que a diathese é uma constituição que entretem oportunidade morbida é dizer implicitamente que ella não passa de uma constituição fraca, ou de uma fraqueza geral das constituições elementares. A diathese reduzida a uma noção desta natureza nada explica; muito menos o conseguirá sob a fórma vaga em que a emittio Hildenbrand.

Joseph Frank (*Introd. à l'étude de la Méd. Clinique, pag. 19*) define a diathese: «um estado morbido, dando ás molestias um aspectó especial que se póde reconhecer e distinguir no meio dos symptomas pelos quaes se manifestão essas molestias.» Esta definição, como se vê, nada caracteriza, ou, por outras palavras, não define cousa alguma, por isso mesmo que define tudo.

Vejamos, agora, como comprehende a noção de diathese o actual e habilissimo Professor de pathologia geral da Faculdade de Pariz. Chauffard é o homem das abstracções e das grandes vistas theoricas. Elle não comprehende as sciencias medicas sem o principio vital, e por isso disserta sobre a diathese nos termos que fielmente transcrevemos:

« Diathese é a *unidade affectiva* que liga manifestações morbidas multiplas, *quasi sempre* semelhantes ou extranhas na apparencia, offerecendo fórmulas organicas diferentes, *noveis*, succedendo-se por intervallos mais ou menos afastados, substituindo-se mutuamente, mantendo-se *muitas vezes* em uma oscillação reciproca de um

apparelho a outro; desses actos diversos que abração *ordinariamente* uma vida inteira ella faz um todo pathologico determinado, reconhecendo uma mesma causa morbifica immanente e incarnada no organismo, *o mais das vezes* hereditaria, *podendo* attenuar-se diante de uma firmeza feliz ou de uma excitação synergica das forças vitales, porém nunca desaparecendo inteiramente, e sempre prompta a reaparecer no terreno vital em que ella germinou.»

Eis ahi o que escreve o illustre Professor. Elle nos dá, na verdade, uma definição muito extensa. Analysando-a, porém, minuciosamente, e livrando-a dos seus appendices e dos seus termos inuteis, temo-l'a resumida no seguinte: a unidade affectiva que liga manifestações morbidas multiplas, formando um todo pathologico determinado, que reconhece uma mesma causa immanente e incorporada no organismo.

O que é unidade affectiva? Evidentemente é uma qualidade. De que? O auctor nos diz adiante: de um todo pathologico, formado por manifestações morbidas multiplas, que reconhecem uma mesma causa immanente e incorporada no organismo.

O que póde ser esse todo pathologico de causa unica e manifestações multiplas? Sem duvida a molestia diathetica.

Diathese, pois, segundo Chauffard, é a unidade affectiva peculiar á molestia diathetica, isto é, a noção ontologica de um dos caracteres desta molestia.

Ora, o problema que os clinicos propoem aos pathologistas, no caso das molestias diatheticas, é sem duvida um facto mais extenso e complexo, a saber: Qual a condição pathologica anteposta aos caracteres daquella classe de molestias? Qual a disposição morbida ou morbigenica capaz de explicar a sua evolução e fórma clinica?

Tal é a intenção da palavra diathese em pathologia geral. Chauffard define, portanto, tudo quanto quizer, menos a diathese.

Broca não é mais feliz do que Chauffard, cahindo em ignorancia do elencho quando tenta defini-la. São suas as seguintes palavras: « Diathese—não é uma molestia, mas uma causa de molestia.... e mesmo uma causa prematura, porque ella não cahe debaixo dos nossos sentidos.... é uma vista theorica do espirito e não uma causa observada ou observavel, ella se destaca do raciocinio (*Traité des tumeurs*). »

Os professores da escola de Pariz encarão a questão debaixo de um ponto de vista clinico e descriptivo, mais do que, como os vitalistas, pelo seu lado theorico e philosophico. E a esses medicos que Chauffard applica o epitheto de—phenomenalistas, no nosso entender appropriado n'este caso.

A escola phenomenalista ou de Chomel não discute, a bem dizer, a questão; estuda-a de um modo superficial e, portanto, pouco conclusivo.

Eis a definição de Chomel, que tanta excitação produzio na Faculdade e tão celebre se tornou: « A diathese, diz elle, é uma disposição, em virtude da qual muitos orgãos ou muitos pontos da economia são ao mesmo tempo ou successivamente a séde de affecções espontaneas em seu desenvolvimento e identicas em sua natureza, mesmo quando ellas se apresentam debaixo de apparencias diversas. »

Esta definição certamente não resolve cousa alguma da questão, e consiste em uma simples apresentação do problema. Ella foi fortemente atacada em Pariz como induzindo a uma petição de principio; acreditando, porém, que a pretensão do sabio Professor não foi sinão reunir em uma pequena fórmula os principaes dados da questão, julgamo-l'a perfeitamente adaptada a seu fim.

Muitos professores da escola de Pariz, tomando a questão proposta pela definição de Chomel, procurarão esclarece-la, discutindo-a e desenvolvendo-a.

Assim, Nonat não comprehende a diathese sinão como : « uma condição organica, em virtude da qual se desenvolvem em certos individuos affecções multiplas, simultaneas ou successivas, que, apezar da sua differença de séde ou de fórma, estão ligadas entre si por uma mesma natureza, e reclamão o mesmo tratamento. »

Monneret estende-se um pouco mais, juntando novos dados á definição de Chomel e tentando sobre elles estabelecer uma opinião :

« A diathese, diz Monneret, é um estado geral do organismo, hereditario ou innato, raras vezes adquirido, inteiramente latente até a época em que determina uma molestia geral caracterizada por lesões ou desordens funcçionaes disseminadas em um grande numero de pontos, porém identicas em sua natureza e cedendo ao mesmo tratamento. » Um pouco mais adiante accrescenta o mesmo Professor : « A diathese não é a molestia, porém é mais do que a predisposição; ella constitue um estado de imminencia morbida incessante ou antes de incubação. Ella se resolve em um verdadeiro estado pathologico, que se denomina molestia diathetica. »

Grisolle é menos extenso que Monneret, porém mais incisivo : « A diathese, diz elle, é caracterizada pela manifestação exterior, sobre muitos orgãos ou muitos pontos da economia, de desordens, lesões ou producções morbidas de natureza indentica, desenvolvidas debaixo da influencia de uma causa interior, de uma constituição morbida propria ao individuo. »

Béhier e Hardy exprimem-se, com mais prudencia e menos exactidão, nos seguintes termos : « Por diathese deve-se entender um estado morbido, que parece occupar a totalidade da economia e se reproduz em diversos pontos por symptomas sempre ligados entre si por uma fórma semelhante, a qual revela a acção de uma causa identica em toda a parte. »

Racle especialisa na sua definição e nas suas apreciações a idéa de constituição morbida com modificação correlativa dos humores e da

nutrilidade dos solidos. Bouchut, em Pariz, como vimos acima, pensa do mesmo modo, e, na Faculdade da Bahia, o imita o Dr. Egas Carlos Moniz Sodré de Aragão, em sua these de concurso para a cadeira de pathologia geral.

O nosso illustrado lente de pathologia geral, o Sr. Dr. Dias da Cruz, admite igualmente em seu *Compendio de Pathologia Geral* a idéa de constituição morbida, cingindo-se ás idéas da escola vitalista.

Finalmente, Maurice Raynaud, que disserta longamente, no Diccionario de Jaccoud, a proposito da palavra *Diathese*, resume a sua opinião em seis proposições separadas, cujo transsumpto é o seguinte :

« Estados morbidos geraes, sempre chronicos, frequentemente hereditarios, apresentando no mais alto gráo o character de unidade affectiva, com tendencia a determinar espontaneamente nos actos intimos da nutrição modificações de ordem diversa, sem um termo definitivo. »

Donde se conclue que elle entende a questão mais ou menos do mesmo modo que os outros auctores da escola de Pariz. Tratando mais adiante do estado do organismo modificado pela diathese, diz-nos ainda esse auctor que o estado diathesico se reduz, como toda a molestia, a uma *impressão affectiva* do ser vivo, expressão esta que elle emprega na falta de uma melhor, por isso que exprime o facto mais geral que nos é possível attingir.

Recapitulando tudo quanto se tem dito até hoje de mais positivo sobre a—diathese, não se póde deixar de notar como o facto mais saliente das tentativas theoricas a indecisão e a insolução completa em que permanece ainda o ponto essencial da questão *proposta* por Chomel em Pariz, e ha um seculo discutida em Montpellier. O resultado final da extensa e perenne discussão, ahi como em Pariz, ficou sempre negativo.

O que dizem os auctores em resumo? O que nos ensinão os mestres? Que a diathese é um *estado geral* do organismo, uma

condição organica, uma constituição, um temperamento, uma predisposição, uma oportunidade, uma imminencia, uma qualidade, uma impressão, uma *vista theorica* e finalmente uma ficção!

Á parte esta ultima conclusão, a discussão empenhada no terreno da *philosophia medica* sobre o problema da *diathese* tem-se resolvido invariavelmente em um—*idem per idem*, applicado ao estudo e á interpretação dos *phenomenos* que se discutem.

Liquidada, pois, a historia *philosophica* das theorias apresentadas para explicar a *diathese*, cuja noção elementar definimos no começo d'este trabalho, vê-se que a magna questão se acha ainda hoje nas mesmas condições em que a encontrámos ha um seculo.

Provém isso, sem duvida, do emprego invariavel que tem tido na *pathologia* racional o *methodo synthetico* para o estudo e interpretação de noções abstractas como a noção de *diathese*, com *deducção analytica* dos seus caracteres primitivos. O mesmo se tem feito com outras noções vagas e abstractas, introduzidas na *ontologia medica* para representar *phenomenos* complexos e obscuros. Como se comprehende, tal *methodo*, nas condições que figuramos, não poderá dar sinão um resultado *contra-productente*.

O inverso devêra ter sido executado, segundo o exige a natureza mesma do assumpto.

É o que vamos tentar.

Caracteres da diathese

Seu numero e denominação. Descrição dos symptomas que elles representão.

É, sem duvida, no estudo analytico da molestia diathesica que devemos ir buscar os fundamentos para a formação de uma theoria racional da diathese.

Analysando os caracteres communs áquella classe de molestias e synthetisando depois os dados resultantes d'esse estudo, é que poderemos conhecer então os caracteres essenciaes da diathese e chegar finalmente á noção pratica e completa do que seja uma tal entidade.

Já tivemos o cuidado de dar no terceiro capitulo do nosso trabalho uma noção elementar bastante clara e philosophica do que exprime o vocabulo *diathese* (palavra de origem grega, que quer dizer—disposição.)

Ahi, depois de termos justificado o proposito e o alcance scientifico de uma concepção d'esta ordem, resumimo-l'a nos termos seguintes: typo nosologico formado pela reunião dos caracteres communs ás molestias diathesicas e differenciaes das outras molestias.

Em seguida, apresentámos a sua definição preparatoria, para servir de base ao estudo theorico das molestias diathesicas, e que presentemente nos vai servir de guia na apreciação dos seus caracteres typicos.

São elles, como já fizemos vêr : 1.º a *tenacidade*; 2.º a *hereditari-
riedade*; 3.º a *intermittencia*; 4.º a *substitutividade*; 5.º a *promis-
cuidade*.

Taes são, com effeito, os caracteres reaes e legitimos da diathese, verificados pela observação directa e indiscutivel dos factos. Ninguem os póde pôr em duvida.

A diathese, porém, segundo a entendem os sonhadores das theorias precedentemente discutidas, offerece outros caracteres mais e, segundo esses auctores, os mais importantes que essa entidade possui. São esses os caracteres que denominamos de *falsos*, por imaginarios, e que lhe fôrão emprestados á custa de outras noções abstractas viciosamente concebidas, das quaes tratámos succintamente no nosso segundo capitulo, como causas fecundas de erros e de parallogismos perigosos.

Por isso, antes de estudar e fazer a analyse que pretendemos dos verdadeiros caracteres da diathese, façamos a critica que merecem aquelles pretendidos caracteres, adicionados por inducções parallogicas, principalmente do systema de Barthez.

D'entre esses caracteres são primordiaes os seguintes: *constitucio-
nalidade* ou unidade affectiva, *innaticidade*, *espontaneidade* e *especifici-
cidade*, todos introduzidos pela escola vitalista.

Vejamos successivamente si qualquer destas noções abstractas póde ser de alguma fórma julgada—caracter de molestia.

A palavra molestia, em sua accepção lata, já foi precisamente definida em nossas *Generalidades*. Em ultima analyse ella não passa do complexo dos phenomenos que se succedem no organismo á ingerencia, em seus actos normaes, de uma potencia ou resistencia insolitas; estas provocão uma série determinada de effeitos novos.

O que é constituição?

É o gráo de resistencia que o organismo offerece aos differentes agentes modificadores que elle encontra dentro ou fóra de si. É um modo de ser do organismo mesmo. Essa resistencia absoluta do organismo é a resultante geral de todas as *resistencias* organicas parciaes. Ora, uma resistencia só póde ser modificada por accrescimo ou diminuição. Logo, a constituição só póde ser modificada tambem ou enfraquecendo-se ou robustecendo-se. Ella representa o conjuncto dos phenomenos da economia, a vida do organismo, pelo lado da sua pujança ou de sua fraqueza; ha constituições fracas e constituições fortes, assim como ha vida longa e vida curta.

Assim definidas e bem limitadas as idéas de *constituição* e de *molestia*, facil será apreciar as combinações de que são capazes esses dous termos diversos.

Haverá molestias constitucionaes ou estado morbido constitucional? O que póde ser uma molestia constitucional? Certamente não é outra cousa mais do que aquella que affecta a constituição do individuo. Temos ahi uma *constituição morbida*, uma constituição modificada por uma causa morbifica. Ora, como acabamos de vér, ella só se póde modificar por accrescimo ou diminuição. Da acção de uma causa morbifica qualquer sobre a constituição só deve resultar, por consequencia, uma constituição enfraquecida ou robustecida. As molestias constitucionaes não passam, pois, de méra ficção; não existem taes molestias, não ha constituições morbidas.

Agora, vejamos a *innaticidade*, ou virtude de não ter nascimento, de não ter começo, de não ter origem, de *não ter uma causa* fóra do organismo, de ser inherente a elle. Vê-se que, em rigor, esse character singular não passa de um contrasenso; porquanto a molestia, qualquer que ella seja, é um accidente, como o é todo o facto, todo o phenomeno possivel, e ahi temos um phenomeno sem principio, o que é um absurdo. Mas a linguagem vitalista, especial como é, tem o direito de appellar aqui para a hermeneutica. Segundo quer essa

escola, molestia innata é aquella que entra como episodio ou processo previsto na evolução normal do organismo. Tal é para os vitalistas a diathese no organismo diathesico. Admittimos o facto como positivo, mas n'este caso *innaticidade* é perfeito synonymo de *hereditariedade*, os dous termos se confundem; molestia innata e molestia hereditaria são uma e mesma cousa.

Passemos á *espontaneidade*. Espontaneo é todo o acto que se realisa sem um motivo qualquer fóra do agente. Molestia espontanea é então aquella que faz eclosão sem causa exterior, sem uma provocação causal extranha ao organismo. A sua causa, pois, está incorporada ao proprio organismo, incluída n'elle; o acto morbido tem ahí mesmo o seu motivo, e tira a sua origem de uma disposição organica preexistente, de uma condição morbida contemplada no plano do organismo adoecido; é um facto anormal indubitavelmente, pois que não é commum a todos os individuos. Ora, esse facto preexistente não póde ser sinão um facto constitucional morbido, uma constituição *morbida*, isto é, a constituição fraca ou forte, si a disposição é geral; será uma *hypersthenia* ou *hyposthenia* parcial, si a disposição é tambem parcial. Será este facto peculiar á molestia diathesica? Será elle um *character* da diathese? A escola de Montpellier admite a disposição geral, isto é a constituição modificada. E esta por si só seria capaz de produzir uma molestia? Fóra preciso que o effeito pudesse exceder á causa, que a acção excedesse o agente.

Finalmente a *especificidade*. Especifico é o facto que por si só constitue uma especie, sem analogo, que se isola por seus caracteres. Molestia especifica é, portanto, aquella que, por ser a unica em sua especie, constitue o typo *de si mesma*. A diathese, segundo a escola de Barthez, está precisamente n'este caso. Mas a *diathese* não é uma molestia, é muito mais do que isso, por isso que é um typo de molestias, implica pluralidade; e teremos assim a pluralidade *especifica* ou unica, que encerra contradicção.

Ahi estão os *caracteres vitalistas*, ajuntados, collados artificialmente á diathese, mas que d'ella se desprendem naturalmente desde que se dissolve o artificio.

Entramos agora em uma nova ordem de considerações, de maior alcance para o nosso fim, pois que d'ellas se destaca naturalmente toda a theoria que no capitulo subsequente vamos expôr e desenvolver, de accôrdo com os dados da presente analyse.

A *tenacidade* é indubitavelmente uma das qualidades mais salientes das molestias diathesicas. A molestia aguda tem a sua evolução cyclica e, de duas uma, ou extingue a vida do individuo atacado, ou elimina, á custa de sua propria evolução, a causa que a produzio. A molestia chronica pôde ter tambem a sua evolução cyclica, embora lentamente se desenvelva e lentamente desapareça. Quando a chronicidade perdura e se torna indefinida, ella é sem duvida tenaz, tende a perpetuar-se e resiste muitas vezes ao mais activo tratamento, podendo mesmo ser physicamente incuravel. Não obstante isso, n'essa numerosa classe de molestias offerecem-se milhares de exemplos de cura radical, quando um tratamento racional, que a ellas se anteponha, é rigorosamente seguido; esse mesmo tratamento pôde, em casos sem conta, sustar a marcha do mal, limita-lo, torna-lo latente ou diminuir-lhe os estragos, quando a molestia é incuravel.

A molestia diathetica é tenaz no mais alto gráo; nenhum tratamento radical pôde ser garantido; ella resiste aos mais energicos com uma certeza desanimadora. Uma pequena melhora obtida a ninguem, sinão ao desgraçado que soffre, dá esperanças de successo; nenhum clinico experimentado jámais se apoia sobre um successo consideravel para garantir que elle seja completo. Essa molestia, em summa (a escrophulose, o rheumatismo, a syphilis, o tuberculo), symbolisa a resistencia perpétua, a tenacidade invencivel. Não será isso uma qualidade formal para constituir-lhe um *character*?

Todas as molestias poderão ser *hereditarias*, como pôdem ser tenazes?

Indaguemos, em primeiro lugar, que facto ou que ordem de factos são representados em physiologia normal e pathologica pela idéa de *herança*.

É fóra de toda a duvida que as disposições e aptidões elementares, bem como as mais complexas da organização em geral, animal ou vegetal, são fatalmente transmittidas dos typos preexistentes para os representantes naturaes de sua faculdade reproductiva. O producto que resulta constantemente do exercicio d'essa faculdade de que gozão os sêres organizados constitue um typo mixto, no qual se synthetisão por uma fusão exacta os typos de que elle se origina.

Em busca de uma explicação physiologica d'essa propriedade notavel que a organização manifesta de um modo brilhante e fatal, o sabio professor de histologia de Pariz analysou, com a sagacidade admiravel do seu genio e com a penetração de suas vistas philosophicas, ao lado dos phenomenos communs que se passam na evolução genesica do organismo, certos phenomenos especiaes relativos á transmissão de suas disposições ou propriedades pathologicas.

« As lesões pathogenicas, diz esse sabio histologista, devem ser procuradas nas substancias organicas; são com effeito estas que estão modificadas molecularmente, o que provão:

« 1.º—as affecções em que podemos verificar as alterações soffridas por certas substancias organicas;

« 2.º—as differenças de coagulação das substancias organicas, as differenças de reacções que essas substancias determinão;

« 3.º—e sobretudo, as modificações que sobrevêm na formação e expulsão dos principios immediatos da segunda classe, resultantes da desassimilação das substancias organicas. (*Leçons sur les substances organiques*). »

Depois de ter fixado com a maior precisão a noção histologica ou elementar de lesão e as illações variadas que d'esse principio dimanão,

estuda Charles Robin, com o criterio eminente que o glorifica entre os sabios mais notaveis, os phenomenos em virtude dos quaes os elementos anatomicos ou histologicos do organismo recebem das substancias em geral e da materia morbifica em particular qualidades proprias e inherentes a essas mesmas substancias.

Eis como elle se exprime a esse respeito, já nas suas *Lições sobre as substancias organicas*, já na edição de 1873 de seu *Diccionario de Medicina*:

« . . . Para dar conta dos phenomenos de herança, convem saber, além d'isso, que as substancias organicas gozão da propriedade de transmittir, por simples contacto com as substancias de uma outra especie, o estado molecular particular que qualquer substancia exterior nellas produzio. Ora, ha certos *estados geraes* do organismo, certas aptidões, que não residem evidentemente só em um simples arranjamento passageiro dos tecidos e dos humores, porém que têm ao contrario desenvolvido uma modificação molecular especial em *todos os pontos do organismo*. Segundo a propriedade que têm as substancias organicas de transmittir de uma maneira lenta, porém contínua, seu estado molecular ás substancias com as quaes ellas estão em contacto, é evidente que todas as partes que nascerem em consequencia do desenvolvimento das primeiras cellulas geradoras do ovulo serão modificadas para bem ou para mal, segundo o estado em que este se offerece. »

À parte a idéa de *estados morbidos geraes* ou modificações de *todos os pontos do organismo*, noção absolutamente inexacta, como já demonstrámos, e adquirida á custa de uma falsa concepção de diathese, os principios de Charles Robin sobre a herança evolutiva têm uma base inconcussa em factos incontestaveis.

Ha, ali, uma omissão com respeito ás molestias nervosas. Não obstante, d'esses principios se conclue que uma condição essencial para que haja herança de molestias é aquella *aptidão*

morbida ou modificação adquirida lentamente pelos nossos tecidos, em longo contacto com as substancias organicas morbigenicas.

Logo, as molestias chronicas podem ser transmittidas por herança, por isso que preenchem a condição essencial exigida para que essa transmiss-ão se realise.

Tal é, com effeito, o que a razão nos suggere. Com a molestia aguda isso não se dá.

É na molestia diathesica que essa propriedade do nosso organismo se revela peremptoria e quasi fatalmente, percorrendo gerações successivas de um modo indefinido, consubstanciando-se com as disposições e aptidões innatas dos tecidos que affecta e perpetuando-se assim no individuo e na especie.

Para completar a analyse e a demonstração d'este caracter poderamos transportar para aqui alguns d'entre os principaes dados clinicos e experimentaes com que auctores eminentes têm enriquecido esta parte do estudo pratico das molestias chronicas em geral. Prescindimos, porém, d'esse trabalho por julga-lo dispensavel.

Importa agora tratar da *intermittencia* ou latencia, caracter, para os auctores, de uma importancia capital, e que de um modo formal especialisa a physionomia propria das molestias diathesicas.

É, com effeito, nesta classe de molestias que vamos encontrar perfeitamente realisado este curioso phenomeno. Sem duvida, em sua accepção rigorosa elle constitue um caracter negativo, porquanto exprime a ausencia ou desaparecimento intermittente das manifestações proprias da molestia diathesica. Entretanto, por outro lado, elle implica ou suppõe um estado positivo de molestia, uma disposição morbida effectiva e permanente, com a circumstancia particular de conservar-se *latente*, de subtrahir-se aos meios sensiveis de observação, negando ao exame clinico as suas manifestações habituaes.

Assim, vemos a cada passo na pratica, entre milhares de outras manifestações das molestias diathesicas, as nevralgias rheumaticas,

as erupções syphiliticas, escrophulosas, ou herpeticas, as arthralgias gottosas, desaparecer em um tempo dado e reaparecer com a mesma ou com maior intensidade, depois de uma longa ausencia, durante a qual deixão o individuo livre. Não se póde, é verdade, dizer de uma maneira absoluta que o individuo fica completamente livre da molestia diathetica, isto é, dos seus symptomas proprios. Assim, no syphilitico temos os engurgitamentos ganglionares, que no escrophuloso constituem mesmo uma das manifestações mais caracteristicas; no rheumatico temos o alquebramento mais ou menos pronunciado das forças, o emagrecimento que quasi sempre o acompanha, etc, no hysterismo as modificações estaticas da sensibilidade, da indole e do character, no herpetismo a seccura e aspereza da pelle ou a hypercrinia sudoral da mesma; finalmente no tuberculoso, no qual a bronchite, a hemoptyse, os phenomenos cerebraes e abdominaes, ligados á presença do tuberculo, constituem a molestia tuberculosa, dado o caso que desapareção totalmente, fica sempre a lesão e affecção organica, que vem a ser o proprio tuberculo.

Isso mesmo, porém, serve para demonstrar ao observador que a affecção subsiste sempre, embora se tenha aplacado, que a disposição morbida preposta á molestia diathetica guarda apenas maior ou menor *latencia*.

A *latencia*, por conseguinte, é um character indubitavel d'essa molestia, bem que não seja absoluto, quer na sua extensão, quer na sua generalisação.

Esse character, não obstante, não é exclusivo á molestia diathetica, mas notoriamente extensivo a quasi todas as molestias chronicas, ou em rigor a todas ellas. Latencia mais ou menos completa, mais ou menos longa, mais ou menos caprichosa, é factó que se verifica a cada passo na clinica de qualquer ordem de molestias.

É um phenomeno ordinario, que a ninguem causa pasmo ou estranheza, e contra o qual o medico frequentemente se previne,

indo procurar a molestia através de um symptoma quasi nullo, sob a advertencia de uma simples presumpção.

Tratemos do penultimo character que atrás deixámos enunciado. É a *substitutividade*.

Vêmos em um individuo atacado de uma affecção articular de fundo rheumatico que tem durado algum tempo, de repente, sem uma causa determinada, sem um motivo apparente ou sob a influencia de um tratamento directo da lesão articular, desaparecer esta mais ou menos completamente para manifestar-se com os mesmos characteres ou com characteres diversos em um ponto de ordinario afastado — na pleura, por exemplo, na serosa cerebral, ou mesmo em outras articulações. Igual factio se observa muito commumente com as erupções dertosas, etc. O cancro tem alguma cousa de semelhante, porém nelle a lesão que primeiro faz eclosão não é substituida sinão nos casos em que a sua ablação se faz, reincidindo então, ás vezes em logares distantes do que foi primeiro atacado, mas ordinariamente no mesmo logar. Na escrophulose, na morphéa e em outras molestias diathesicas, o factio da substitutividade é positivo, nas mesmas condições que o rheumatismo e o herpetismo. Na tuberculose, entretanto, nada se pôde dizer de categorico, porque a molestia não se resolve, como tambem acontece com o cancro, nem pôde ser jugulada, unico caso em que se pudéra saber si ella se substituiria ou não.

Ora, como bem se vê, o phenomeno não é fatal para todas as molestias diathesicas, e varia sobremodo de uma para outra. Mas nem por isso elle deixa de ser o mais caracteristico de todos os phenomenos especiaes que a noção de diathese encerra. Com effeito, não ha no quadro nosologico molestia chronica alguma que o apresente com aquella physionomia ou com uma extensão tão notavel. É um character quasi exclusivo, quasi pathognomonic da molestia diathesica.

Não obstante, em rigor, varias molestias o apresentam tambem, em

um gráo, porém, muito inferior e com uma extensão mais limitada. É sabido, além d'isso, que a therapeutica o imita com felicidade, em seu proveito, transfigurando por um artificio o phenomeno observado, isto é, invertendo o jogo das lesões que se têm de substituir. Assim é que, por meio de uma lesão provocada a seu contento, ella consegue fazer desaparecer, muitas vezes, uma affecção preexistente. Tal se observa no emprego dos vesicatorios, dos sedenhos, dos conticulos e dos irritantes em geral.

O facto, pois, é mais commum do que parece e pouco digno de estranheza.

Chegamos, finalmente, ao character que mais tem actuado na attenção dos clinicos e pathologistas, induzindo-os a crêr que existe em toda a molestia diathesica uma disposição morbida geral. É a *promiscuidade*.

A molestia diathesica estende as suas lesões a quasi todos os pontos do organismo, sem regra fixa nem distincção de orgão. Ella ataca quasi todos os tecidos da economia, affectando fórmulas multiplas e tomando intensidade variavel, porém não poupando quasi orgão algum.

Esta é effectivamente a regra; numerosas, porém, são as suas excepções si quizermos toma-la em rigor, e ahi temos á frente de todas a tuberculose ou granulose, cuja esphera anatomo-pathologica é por demais limitada; temos no mesmo caso a gôtta, o mormo e ainda as boubas. Isto quer dizer que a generalisação d'este character só com muitas reservas e restricções bem definidas se deve admittir. Não é, comtudo, menos certo que elle concorre com os outros caracteres, sinão mais do que todos elles, ao menos nas mesmas proporções e na mesma qualidade, para dar ás molestias diathesicas a sua physionomia especial. Com respeito á sua extensão, elle não póde tão pouco ser tomado em sentido absoluto. As molestias diathesicas que mais vasto dominio exercem sobre o organismo são com certeza a syphilis e a cancerose, si assim nos é dado chamar a esta

ultima. E, no entanto, dado que ellas ataquem todos os órgãos ou regiões da economia, o mesmo se dará com todos os tecidos da organização animal? Porventura alguém poderá affirmar que o cancro ataca a fibra nervosa ou a fibra muscular, o tecido elastico, o tecido glandular, ou mesmo o tecido seroso?

É permittido duvidar, e a anatomia pathologica até certo ponto demonstra que essas lesões são encontradas ou no tecido epithelial ou no tecido conjunctivo. Só observações incompletas e dissecções pouco precisas fazem suppôr o contrario.

Tomado de um modo geral e absoluto, o caracter *promiscuidadè* não é certamente applicavel ás simples molestias chronicas, como não o é tambem ás molestias diathesicas. Em sentido restricto, porém, e de um modo relativo, estas têm tambem a sua—promiscuidade.

Aqui terminando a descripção abreviada dos principaes caracteres nosologicos que, reunidos sob uma fórmula abstracta, constituem o typo pathologico—*diathese*, assiste-nos o direito de perguntar de novo aos pathologistas que o introduzirão na sciencia com que base o creárão, retirando do quadro geral das molestias chronicas essas molestias a que elles chamão—*diathesicas*.

Fizerão-no, sem duvida baseando-se nos seus caracteres especiaes. Acabamos de proceder a uma analyse sobre esses caracteres, succinta é verdade, porém exacta e rigorosa, e, como primeiro resultado que agora se nos offerece, temos uma conclusão a tirar: entre as molestias diathesicas e as molestias chronicas em geral não existe differença *essencial*.

E, de facto, nenhum só existe, dos caracteres que constituem a *diathese* ou typo das molestias diathesicas, que não tenha em maior ou menor gráo o seu correspondente no quadro symptomatico de quasi todas, sinão de todas as molestias chronicas conhecidas.

Assim, estas são tenazes em gráo ascendente até á molestia diathesica, que d'ellas se distingue por ser a mais tenaz d'entre todas.

São tambem transmissiveis por herança, em numero mais limi-

tado, é verdade, e em gráo menor, porém ascendente até a menos transmissivel das molestias diathesicas. Quem o póde contestar? O que não soffre a menor duvida é que as molestias chronicas offerecem em um gráo crescente até á diathese todas as condições exigidas para atravessar as gerações. Charles Robin o demonstra.

E ainda cousa positiva e de conhecimento banal a *intermittencia* ou *latencia* na longa serie das molestias chronicas.

Ha mesmo em uma boa parte d'estas molestias, n'aquellas que derivão de uma molestia aguda antecedente, uma tendencia fatal a diminuir progressivamente de intensidade até reduzir-se a vestigios ou mesmo desaparecer, deixando apenas em seu logar uma fraqueza da constituição do orgão, um abaixamento do nivel de sua resistencia, e n'isso consiste a *predisposição*, cujo valor já definimos no segundo capitulo d'este trabalho. É, em taes condições, sob a influencia da menor provocação ou de *uma occasião* interna, que a reacção de novo se desperta e a molestia reaparece em scena. Eis ahí a latencia ou intermittencia de um certo numero de molestias chronicas.

A outra parte d'estas molestias começa chronica desde a sua primeira manifestação (reacção); são as molestias chronicas *ab initio*, cuja tendencia ordinaria é sempre a augmentar de intensidade e extender as suas desordens, porquanto o seu começo mesmo demonstra uma fraca resistencia (energia) da parte do orgão ou do tecido affectado. Aqui a *latencia* é inicial, a molestia, como se diz em linguagem pittoresca, *começa traiçoeiramente*. Essa *latencia* inicial ainda se repete mais tarde, vindo a encobrir-se a marcha da molestia, por occasião de um phenomeno previsto pelas leis physiologicas. Esse phenomeno é a *compensação*, providencialmente estabelecida pela existencia dos orgãos ou das funcções congeneres; estas se exagerão, porque as necessidades respectivas do organismo n'aquelle ponto se exagerão tambem. A reacção, por consequencia, do orgão affectado ou do ponto compromettido diminue á proporção

que a compensação se estabelece até reduzir-se a um equilibrio mais ou menos instavel, que póde ser mesmo estavel por algum tempo. Como a funcção do orgão ou do ponto compromettido tem limites na sua dilatação, quebra-se de novo o equilibrio no ponto que está doente e a molestia reaparece. Portanto, esta especie de molestias chronicas tem tambem a sua latencia intermittente, que os auctores irreflectidamente teimão em dar ás molestias diathesicas como caracter quasi privilegiado.

Nas molestias *agudas* ha tambem uma latencia inicial, que os auctores denominão de periodo de incubação, e ha uma tendencia, ás vezes notavel, para voltar a ella, que é a *remissão* das molestias febrís, que, sendo pronunciada, caracteriza as febres remittentes e certas febres graves, como é a febre amarella. Nas febres intermittentes essa tendencia triumpho da molestia e a latencia se estabelece com intervallos diversos. Não está no nosso intuito dar aqui a pathogenia d'essa *latencia* das molestias agudas; mas, como se comprehende á primeira vista, ella não differe essencialmente da que se observa na marcha das molestias chronicas.

Passemos á substitutividade. Ella resulta directamente da lei da compensação, ha pouco por nós estabelecida. Toda a molestia chronica, por consequencia, e ainda a molestia aguda, tem, de accôrdo com a capacidade compensadora maior ou menor dos orgãos congeneres áquelles que ataca, a faculdade de fazer substituir certo numero de lesões characteristics por outras da mesma ou de ordem differente.

Finalmente, a promiscuidade é caracter que deriva da natureza mesma das funcções exercidas pelo tecido, região, orgão, apparelho ou systema compromettido pela molestia.

Assim é que, soffrendo o capillar lymphatico ou sanguineo, por exemplo, de molestia que impeça a sua funcção regular, os outros exaggerão a sua funcção (congenere); d'esse trabalho demasiado resulta que estes tambem podem soffrer, vindo n'este supposto a adoecer

novos órgãos, e assim por diante, succedendo-se uma serie de lesões, cuja distribuição é determinada pela propria distribuição topographica dos capillares lymphaticos.

Por consequencia, toda a molestia, mais ou menos, tem sua promiscuidade, cuja extensão vae-se augmentando na classe das molestias chronicas até á diathese, que a possui no mais alto gráo possível, physiologicamente só comparavel ás febres exanthematicas, ou a qualquer outra molestia que abale todo um systema.

Si, pois, como temos demonstrado, *as diatheses* ou antes as molestias diathesicas não têm, d'entre seus caracteres clinicos bem fundamentados, nenhum especialmente seu, exclusivo, que as distingua essencialmente dos outros estados morbidos, onde buscar as bases para a separação que a clinica instantemente reclama?

Não é mais licita uma hesitação na resposta, e seria irrisorio recorrer-se ainda á creação de uma nova doutrina medica ou pedir-se bases aos systemas existentes, para uma resposta, tão determinada e tão simples que não passa de uma conclusão a tirar.

Si, com effeito, os caracteres fundamentaes das molestias diathesicas não se achão encerrados em sua fórma clinica, como está sufficientemente provado, onde busca-los sinão na anatomia e na physiologia pathologica d'essas mesmas molestias?

É estudando a pathogenia especial de cada um dos seus caracteres clinicos, isto é, as condições anatomicas e physiologicas necessarias para a sua producção no organismo, e reunindo depois d'isso as noções colhidas d'esse estudo, que chegaremos a determinar a anatomia e physiologia pathologica d'aquellas molestias, e portanto a sua natureza e causas.

É, por outras palavras, pelo emprego successivo da analyse que acabamos de fazer, e em seguida da synthese ao estudo dos factos em questão, que poderemos chegar ao conhecimento da verdade, isto é, dos principios que os creão e das leis que os dirigem na sua producção.

Eis ahi, parece-nos que explicita, a razão principal por que trévas tão espessas e tão eterna confusão têm invariavelmente reinado no estudo e na classificação das molestias diathesicas.

Tudo está, com effeito, no que toca aos principaes motivos de controversia e desharmonia entre os auctores, em procurar uma differença essencial, fundamental e absoluta entre as molestias agudas, chronicas e diathesicas—onde na realidade tal differença não existe. D'ahi, a necessidade sentida pelos pathologistas extremados de procura-la na propria phantasia, e essa tendencia fatal para abstrahir e raciocinar improficuamente no vacuo—tendencia perniciosa e indomavel, que não tem sido sustada nem pela negação mais categorica dos factos, nem pela esterilidade perpétua de seus incansaveis esforços.

É que o desconhecido, com a sua attracção mysteriosa, seduz a nossa immaginação, como o abysmo seduz ao abysmo; a razão humana, irritada em sua contingencia, dá então francas regalias áquella que a tudo attinge, e é assim que mais tarde cultiva como suas as inspirações pueris que só a phantasia pudéra conquistar-lhe.

Infelizmente para a sciencia, o desconhecido aqui, o almejado *quid ignotum*, é o inacessivel de Broussais, o impossivel absoluto. Não é um *quid*, é o *nihil*!

Theoria pathogenica das molestias diathesicas.

Toda a theoria representa essencialmente uma synthese dos caracteres fundamentaes e das leis que regem certa serie de factos. Uma theoria pathogenica applicada ás molestias diathesicas (vide NOÇÃO DE DIATHESE) deve, pois, representar a synthese geral dos caracteres classicos e das leis pathogenicas d'essas mesmas molestias, especificando as analogias e as differenças fundamentaes que estas offerecem com as outras classes de molestias.

O conhecimento mais ou menos preciso, a determinação mais ou menos exacta d'aquelles factos especulativos, de que a razão se apodera em proveito da verdade, faculta-nos o dominio mais ou menos absoluto dos phenomenos e das causas que queremos explicar. Esses factos geraes, cuja reunião systematica constitue a propria sciencia, representam em nosso espirito a razão natural das cousas. Ora, tratando-se, como em o nosso caso, de phenomenos de ordem pathologica, os factos geraes ou especulativos obtidos do seu estudo analytico nos devem infallivelmente dar a sua *razão biologica* (pathogenica), que é aqui a incognita.

Assim, o problema que a noção de diathese encerra pôde ser posto em discussão de um modo simples e completo, nos termos em que abaixo o formulamos :

PROBLEMA. — Qual a — razão biologica — em virtude da qual certas molestias affectão em sua evolução os caracteres geraes de—*tenacidade, hereditariedade, latencia* ou intermittencia, *substitutividade e promiscuidade* no mais alto gráo que comportão as condições naturaes da nossa organização? Essa razão estará simplesmente na *séde* da affecção? nas *funções* da parte affectada? ou no *principio* pathogenico? Será anatomica, physiologica ou etiologica?

Ahi temos, em uma fórmula bastante clara e determinada, resumidos os pontos capitaes da questão que nos propomos a discutir.

A razão ou condição pathogenica dos caracteres ácima enunciados, isto é, dos factos particulares que caracterisão as molestias diatheticas, não reside certamente, nem pôde residir, na causa que as determina, e isso por motivos diversos.

Em primeiro lugar, a causa ou principio pathogenico julga tão sómente da natureza de um facto; apenas pôde esclarecer-nos o espirito a respeito das qualidades intrinsecas ou subjectivas d'esse facto e nunca das suas qualidades extrinsecas ou objectivas.

Não ha duvida alguma que do estudo da causa depende inteiramente o conhecimento do seu effeito absoluto; mas o estudo do seu effeito relativo implica, não o conhecimento da causa que o produzio, mas unicamente o do terreno em que a sua acção se manifesta. O resultado do exercicio de um agente qualquer (effeito relativo) é encontrado nas modificações que o paciente experimenta ou experimentou, e para a determinação positiva de taes modificações precisamos rigorosamente de conhecer as disposições normaes e propriedades activas do ser modificado. É, então, do effeito observado que passamos á deducção do seu principio, cujas propriedades potenciaes por aquelle se manifestão e sem elle jámais poderão existir em nosso pensamento.

Em segundo lugar, na questão que discutimos, o nosso intuito não é outro sinão tomar conhecimento dos motivos por que certas molestias são *tenazes, hereditarias, intermittentes, etc., no maximo gráo*, pois que as qualidades morbidas que esses vocabulos exprimem são communs em maior ou menor gráo a uma infinidade de molestias, sem referencia á causa que as engendrou no organismo (vide CARACTERES DA DIATHESE). Trata-se no problema em questão de efeitos relativos comparados a outros efeitos analogos; a verificação exacta das suas analogias nos levará á apreciação ulterior das suas differenças.

A idéa de causa não entra, assim, em nossa discussão, sinão como objecto secundario ou elemento isolado e dispensavel.

Tudo isto equivale a dizer, em conclusão, que as leis da diathese são anatomo-physiologicas e não etiologicas. Estas ultimas, com effeito, suppoem dados de ordem muito diversa, os quaes se achão contidos em um outro postulado, e exige para a sua determinação theorica a formação de um segundo problema. Esses dados são, entre outros, o *contagio* ou inoculabilidade dos productos morbidos, as propriedades chimicas, physicas e histologicas de taes productos, etc., etc. A entidade abstracta que encerra esse novo problema tira os seus caracteres de uma serie de factos muito distinctos dos factos diathesicos, de outra ordem e alcance pathologico: são as qualidades estaticas dos symptomas (*dyscrasias e nosorganias*).

Deixemos, portanto, de parte os caracteres etiologicos das molestias diathesicas, cujo estudo nos levaria sem duvida á determinação das leis etiologicas d'essas molestias, mas que só pudéramos fazer si tivéssemos o tempo requerido para desenvolver a segunda parte do nosso ponto. É, na verdade, do estudo analytico dos symptomas, isoladamente considerados, que se destaca o problema etiologico.

Si as condições pathogenicas dos caracteres da diathese não residem na causa determinante das molestias diathesicas, como

fica demonstrado á evidencia, devemos necessariamente procura-las nas disposições anatomo-physiologicas que o organismo offerece.

Sendo invariaveis as leis que dominão a evolução do organismo, toda a affecção reduz-se a uma modificação das disposições normaes da economia, sob a dependencia de uma causa variavel. Os caracteres com que se apresentam taes modificações devem assim referir-se á causa que as determina ou á anatomia e physiologia do orgão que ellas interessão. Já vimos que os caracteres da diathese nada têm que vêr com o principio pathogenico, e a sua accepção mesma o indica. É, portanto, á anatomia e á physiologia normal que devemos dirigir no presente caso as nossas interrogações.

As leis anatomo-physiologicas de uma affecção qualquer só podem ser obtidas á custa dos factos biologicos que se realizão na esphera de sua evolução. Esses factos são de duas ordens: 1.º factos hygidos (funções e productos normaes da evolução) que nos são conhecidos pelo estudo da anatomia e da physiologia normal; 2.º factos morbidos (lesões e symptomas) que a observação clinica, a anatomia e a physiologia pathologica nos fornecem.

Consequentemente, é pelo cotejo methodico d'essas duas ordens de factos com referencia aos caracteres da diathese que chegaremos a determinar as leis anatomo-physiologicas, sob cujo dominio aquelle estado morbido se estabelece.

Temos a estudar em primeiro logar a tenacidade ou chronicidade, que consiste na persistencia da affecção com ou sem molestia apparente.

Para a perfeita comprehensão d'estes termos, somos obrigados a repetir e desenvolver aqui o que a esse respeito deixámos dito no capitulo das GENERALIDADES.

Segundo ahi nos exprimimos, todo o agente accidental, extranho á composição do organismo ou ás suas condições normaes, occasiona por sua presença uma modificação correspondente nas

funções elementares (assimilação e desassimilação), e, portanto, nos productos immediatos da evolução.

A desassimilação, porém, é o termo fatal, o ponto rigorosamente terminal dos actos evolutivos, porquanto todo o agente assimilado é, em virtude mesmo do papel que representa no organismo, desassimilado logo depois, para ser substituído por outro. Por consequencia um agente extranho accidentalmente introduzido no organismo, si é assimilado, desassimila-se logo e é d'elle retirado pela função eliminadora; si não é assimilado e obra por simples presença, influe nos actos evolutivos como condição nova, imprimindo modificações correspondentes nos productos da evolução, e pondo-se assim em equilibrio com as condições habituaes.

D'ahi a seguinte conclusão: a tendencia do organismo nos casos de affecção é fatal no sentido de faze-la desaparecer, eliminando a sua causa ou neutralizando os seus effeitos.

Si a causa ataca o organismo de uma só vez, eliminada que seja, aquelle volta ás suas condições primitivas; si persiste, ou as suas provocações se repetem indefinidamente, a economia crêa para si novas condições e fornece productos anormaes, de accôrdo com o principio ou a condição morbida que a affecta. No primeiro caso, temos a affecção e a molestia aguda ou cyclica; no segundo, a molestia chronica. N'esta ultima hypothese está bastante explicita a razão da tenacidade da affecção, que vem a ser a persistencia do agente extranho de onde ella provém.

Em o nosso proposito não está verificar os casos em que a affecção depende da duração indefinida da causa exterior. O que nos importa indagar são as razões anatomicas ou physiologicas em virtude das quaes o organismo retem em si proprio ou reproduz indefinidamente certos agentes ou condições morbigenicas, que, pela regra, devêrão ser de uma vez eliminados.

Quaes as condições anatomo-physiologicas ou as disposições organicas affectivas da tenacidade das molestias?

A evolução mais ou menos longa e mais ou menos complexa, que resume em si o facto completo da vida de um organismo (vide GENERALIDADES), reduz-se em ultima analyse á successão alternativa dos phenomenos da assimilação e desassimilação (nutrição). O primeiro phenomeno representa — a função reparadora — e o segundo — a função eliminadora — do elemento; ambos podem ser comprehendidos sob a denominação de — funções elementares do organismo.

Pela assimilação incorpora-se ao organismo toda a causa de affecção, ou é recebida toda a influencia extranha de que a organização se resente. Pela desassimilação é eliminado o agente extranho ou neutralizada a influencia insolita, á custa do producto que se fórma.

Comprehende-se que, si se trata do elemento do organismo ou de um *micro-blasta* (si assim podemos exprimir-nos), o acto assimilador é immediatamente seguido do acto desassimilador. O tempo que dura o exercicio de cada agente é o minimo nos actos da organização; um agente extranho ao typo do elemento determina, por consequencia, uma alteração de sua constituição tão rapida quanto possivel, isto é, uma affecção agudissima no maior gráo imaginavel.

Si considerarmos, agora, varios elementos ou *micro-blastas*, reunidos como elles se achão naturalmente no organismo, formando um organismo elementar, esses elementos modificão mutuamente as suas energias assimiladoras (*synergia*), e fazem uma troca igualmente mútua dos productos de sua desassimilação. Estes productos se confundem para serem retirados conjunctamente do organismo, mas encontrão em sua passagem os materiaes da assimilação, que vão reparar as perdas soffridas, e os modificão pelo seu contacto ou diffusão (*catalyse* de Ch. Robin). Suppondo,

pois, que um agente morbifico ou uma condição insolita, que alterão a normalidade do meio nutritivo, são transportados ao seio do organismo elementar, esse agente ou essa condição anormal passam por tramites mais numerosos do que no simples micro-blasta, e, depois de eliminados, soffrem ainda um retorno parcial que reclama nova eliminação, até o restabelecimento completo da situação primitiva.

Já por aqui se vê que, á proporção que o organismo se complica, as funcções elementares se multiplicão tambem, a sua funcção total se torna mais complexa, e a evolução leva mais tempo a percorrer o seu cyclo. Ora, a affecção não é sinão a propria evolução modificada; segue-se d'ahi que a sua duração deve estar forçosamente de accôrdo com a duração d'esta ultima, isto é, em relação com o tempo que esta leva a completar-se, ou finalmente na razão directa da importancia bruta do orgão compromettido.

Por outras palavras e de um modo mais incisivo podemos dizer, como regra absoluta, que: *a duração cyclica de uma affecção qualquer está na razão directa da extensão evolutiva ou amplitude funcional do orgão que ella modifica.*

Assim, a duração cyclica de uma affecção do micro-blasta suppõe apenas dous actos elementares, nos quaes a apropriação do agente ou condição insolita é logo seguida de uma desapropriação inevitavel.

A affecção da *cellula* requer já um maior lapso de tempo para completar a sua evolução. Ahi o cyclo morbido é preenchido por uma successão mais numerosa de actos differentes, a saber: actos assimiladores, collisão dos productos da assimilação, actos desassimiladores, collisão dos productos da desassimilação, diluição d'estes pelos principios reparadores, retorno de uma parte dos productos alterados e eliminação da outra parte (eliminação progressiva).

Si varias cellulas se reúnem formando um *territorio* (Goodsir e Virchow), a evolução se complica ainda mais, e o *cyclo* evolutivo se alonga em proporção. Varios territorios reunidos uniformemente em grupo, isto é, formando uma nova *synergia organica e funcional*, podem constituir já um órgão ou pelo menos um folliculo com fórmulas variadas; a sua evolução se torna assim mais complexa e leva mais tempo a consumar-se. Chegamos deste modo, subindo progressivamente de categoria anatomo-physiologica, na escala dos órgãos da economia, aos apparatus mais extensos e aos grandes systemas do organismo.

Applicando, agora, a estes factos, que um estudo philosophico do organismo nos revela, a lei da evolução acima estabelecida, podemos traduzi-la por est'outra mais simples: *maior é o órgão affectado, maior será o cyclo que a affectão tem de percorrer.*

Dahi se deprehende que, si o nosso organismo inteiro pudesse adoeecer, a affectão que o avassallasse seria a mais longa e a mais tenaz de todas, por isso que o devêra acompanhar até o seu aniquilamento completo.

Haverá uma affectão capaz de modificar o organismo na totalidade dos elementos que o compoem? um agente pathogenico que possa diffundir-se e comprometter pela sua presença todos os pontos do organismo? É isso um facto realizavel ou porventura realizado para a philosophia nosologica?

Examinemos a questão.

A affectão, como já ficou dito em DOSSAS GENERALIDADES, resulta da introduccão de uma força ou de um systema de forças novas entre os agentes normaes que compoem o organismo. Essas forças, pondo-se em collisão com as forças preexistentes, ou exagerão certa ordem de actos addicionando-lhes um numero determinado de effeitos, ou deprimem-nos, pelo contrario, deminuindo-lhes o effeito habitual. Temos, assim, a affectão reduzida á sua expressão mais

simples, isto é, a uma *exaltação* ou *depressão* absoluta de um systema determinado de actos organicos ou economicos.

Em taes condições, dizer que o organismo inteiro está affectado por uma causa morbifica qualquer é dizer que elle está *exaltado* ou *deprimido* em absoluto. Ora, o que é o organismo exaltado na função ou exercicio de todos os seus elementos? o que é o organismo deprimido na totalidade de suas forças ou agentes?... No primeiro caso é um—*colosso* biologico; no segundo—um *pigmeu* da organização.

O que é certo, tanto no primeiro como no ultimo caso, é que a exageração ou o abatimento absoluto em nada lhe póde alterar a saúde, que não é mais do que a harmonia ou equilibrio perenne que preside á luta perpetua dos elementos organicos, isto é, a evolução das potencias animadas no meio de seus agentes e resistencia naturaes. Para que haja affecção é necessario que a uma força qualquer ou agente extranho sobrevenha depressão ou exaltação de certa ordem de agentes, com exaltação ou depressão relativa das suas resistencias naturaes, ou o inverso desse facto com consequencias analogas. Essa alteração de numero ou de intensidade das forças que compoem uma synergia, produzindo um desvio na producção dos phenomenos evolutivos normaes, póde manifestar-se, portanto, em um territorio cellular, em um orgão qualquer, em um aparelho ou em um dos grandes systemas economicos,—mas nunca na totalidade do organismo.

O organismo todo não póde se affectar. Todas as resistencias exaltadas com prejuizo das potencias ou inverso seria o aniquilamento da vida, a negação da luta que a constitue e que ella representa no estado de saúde ou de molestia.

Em vista desta verdade inconcussa—de que não póde existir molestia constitucional ou affecção universal, isto é, cuja causa actue em todos os pontos do organismo—achamo-nos auctorizado a concluir que as affecções dos systemas economicos serão as mais longas e as

mais tenazes, supposto que ellas ataquem-no em toda a sua extensão ou uma parte consideravel d'elle.

Ficão, assim, expendidas de um modo geral e resumido as condições anatomo-physiologicas, das quaes depende im mediatamente a tenacidade e duração das affecções, e com relação a este caracter são ellas breves, longas ou indefinidas (*).

Passemos a averiguar as condições pathogenicas do segundo caracter das molestias diathesicas—a hereditariedade.

Quaes as condições anatomo-physiologicas exigidas para que uma affecção se transmita por via de geração?

No ovulo masculino e no ovulo feminino se reúnem todos os agentes simples da evolução ou *mono-blastas*, cujo agrupamento em systema completo e uniforme constitue o typo de organização de cada individuo; é pela fusão exacta d'essas duas syntheses elementares e pela evolução consecutiva de seus agentes constituintes que se fórma um novo individuo com uma organização similhante á daquelles que o gerárão. Os agentes evolutivos ou *mono-blastas* do ovulo masculino, encontrando no ovulo feminino agentes correspondentes para os quaes têm franca affinidade, rompem o equilibrio preexistente entre estes ultimos para substitui-los por um novo equilibrio mais complexo e mais completo com tendencia á progressão. Tal é a fecundação, ponto de partida da evolução dos sêres organizados que têm órgãos especiaes de geração. Cada grupo, ordem ou systema de *mono-blastas* congeneres vai formar pelo processo evolutivo um órgão, um apparelho ou um systema. No ovulo achão-se representados infallivelmente, por meio dos agentes simples a que chamamos *mono-blastas*, todas as disposições organicas hereditarias, e é por meio d'aquelles elementos

(*) Cumpre notar aqui que a *agudeza*, significando violencia de symptomas, e a *chronicidade*, na accepção de symptomas moderados, são caracteres etiologicos, pois que dependem da maior ou menor energia com que as causas se exercem.

que se effectua a transmissão. Por consequencia, toda a manifestação pathologica transmittida por herança teve nos ovulos de onde sahio o individuo a sua condição primordial, isto é, o agente ou o systema de agentes pathogenicos cuja evolução ulterior deu logar á intercurrência de certos phenomenos morbidos na serie dos phenomenos normaes. É forçosa, n'estes casos, a presença no ovulo de um ou de muitos mono-blastas modificados, que tenham alterado em sua origem o typo de organização do orgão, do apparelho ou do systema que mais tarde adoeceu. Ora, para que tal facto se realize é necessario, como o diz Charles Robin, que o agente ou os agentes transmittidos se tenham perpetuado no orgão, no apparelho ou no systema progenitor, encontrando n'elle as condições precisas para a sua conservação ou evolução; e, sendo assim, para que uma affecção se transmitta por herança, é necessario que a sua causa efficiente se introduza como elemento evolutivo ou disposição permanente no orgão, no apparelho ou no systema compromettido.

Portanto as condições anatomo-physiologicas exigidas para que uma affecção se transmitta por via de geração são as mesmas, já estudadas, para que ella seja tenaz. D'esta consideração somos levados a tirar tambem para a herança das affecções, como o fizemos para a sua duração, uma lei especial, que resumiremos assim: *a hereditariedade das affecções está na razão directa de sua duração no organismo; quanto mais tenaz é a affecção, tanto mais hereditaria*. Esta lei, approximada á lei da tenacidade, ainda se transforma n'esta outra: *mais extenso é o orgão affectado, com mais certeza será transmittida a affecção*.

Quaes as condições pathogenicas da latencia?

Latencia, caracter negativo, quer dizer, como a palavra o exprime, ausencia de symptomas. Que factos anatomicos ou physiologicos dão logar a uma tal ausencia?

Para proceder a um estudo logico e cabal d'esta questão, importa

antes de tudo saber o que é *symptoma*. Esta palavra, anatomica ou physiologicamente considerada, exprime a *differença* que existe entre um phenomeno normal e esse mesmo phenomeno observado no doente. O *symptoma* póde, pois, significar accrescimo ou diminuição de uma qualidade qualquer, com respeito ás qualidades normaes de um facto biologico; é uma novidade, positiva ou negativa, para mais ou menos, que sobrevem em tal ou tal manifestação do organismo.

Esse accidente, não contemplado no typo evolutivo do ser organizado, resulta aliás da presença, em um ponto do organismo, de um agente novo ou de uma resistencia adventicia, influindo nos actos physiologicos por um augmento ou restricção dos seus effeitos normaes; nada se faz, com effeito, sem uma causa determinada, e *causa*, na ordem dos phenomenos physicos, é synonymo de *força* (agente ou resistencia). Ora, dado o caso de existir, na producção de um phenomeno, accrescimo ou diminuição de agentes ou resistencias, o que será preciso para que a differença entre a synergia normal e a synergia pathologica (lesão pathogenica) não se manifeste por uma differença proporcional entre o effeito anterior e o effeito posterior á lesão? o que será preciso para que o *symptoma* se não produza? . . . Evidentemente uma—compensação.

Entretanto, para que a compensação das forças organicas se possa estabelecer, é necessario que, de duas ou mais synergias, uma só ou algumas estejam *atacadas* ou adulteradas em sua constituição. D'ahi, a necessidade absoluta que temos de conhecer as synergias em suas relações reciprocas, afim de que possamos determinar e definir o acto ou o complexo de actos, em virtude dos quaes o phenomeno tem logar.

Toda a synergia tem forçosamente uma resultante. Nas synergias organicas, como nas outras synergias, essa resultante se manifesta por uma acção de totalidade ou por um effeito geral, que resumem todas as acções e effeitos parciaes. Sendo a synergia isolada, seu effeito

total tem o character de unidade e se exprime por um resultado directo e igualmente isolado. N'esta hypothese, alterando-se a sua constituição por um motivo qualquer, o seu resultado tambem se modifica e a alteração intima se revela fatalmente por um facto exterior. Si, porém, temos duas synergias'congeneres reunidas, a resultante de cada uma se divide, e duas d'essas divisões exprimem o laço que as reúne; as outras duas divisões das resultantes se manifestão no exterior por um effeito directo e immediato. Comprehende-se, agora, que, si uma. força extranha ou um agente novo vem actuar sobre uma d'estas synergias, a sua resultante que está repartida em duas se incrementa em um ou em outro sentido; si a força adventicia se junta em favor do effeito exterior, a resultante interior se attenúa em proporção e a outra synergia soffre uma influencia indirecta, da qual resulta-lhe uma modificação em sentido inverso: a sua resultante interior se incrementa e a exterior diminue. Por consequencia, o *effeito ostensivo*, que é a resultante final das duas synergias, conserva-se sempre o mesmo, desde que o equilibrio interrompido se renova. Actuando o agente extranho sobre a resultante interior, um movimento opposto tem logar, mas ainda com o mesmo effeito ostensivo.

É este, em sua expressão mais simples, o mechanismo de todas as compensações organicas, e, assim concebido esse phenomeno complexo, torna-se por demais facil e natural a comprehensão da latencia, á primeira vista tão extranha e inexplicavel.

Entretanto outros phenomenos organicos, que se succedem á compensação inicial, merecem ser tomados tambem em consideração. Assim, si ao agente insolito introduzido na synergia sobrevêm outros da mesma natureza, um em seguida ao outro sem o intervallo sufficiente para que os primeiros sejam eliminados, soffrendo uma das resultantes lateraes (a interior ou a exterior) um augmento progressivo com prejuizo da outra e fazendo-se um desvio proporcional da synergia contigua, chega um momento

em que o equilibrio se rompe entre as duas synergias, e a resultante das forças adventicias vai actuar adiante. É então que a sua presença se patentêa de novo, cessando a latencia inicial. Portanto a latencia morbida entre duas synergias elementares é de uma duração muito curta e de uma estabilidade precaria. Mas, si as synergias congeneres elementares são em numero consideravel, a duração e a estabilidade d'aquelle phenomeno se torna tambem notavel, effectuando-se de um modo tanto mais completo e duradouro quanto maior é o numero dos elementos synergicos e congeneres.

D'estes dados mais que positivos, e por assim dizer mathematicos, podemos com toda a segurança deduzir a lei biologica da latencia das affecções ou intermittencia das *molestias*. Essa lei pôde ser concebida em termos analogos aos das leis precedentes. Assim, podemos estabelecer que: *a latencia das affecções é tanto mais longa e mais estavel quanto maior é o numero das synergias congeneres do orgão que ellas affectão e quanto menor é o numero de synergias affectadas.*

A substitutividade das molestias deriva, como já o dissemos em outra parte (CARACTERES DA DIATHESE), da propria latencia das affecções, e basêa-se como esta no facto da compensação.

Vimos, ha pouco, tratando d'este ultimo phenomeno, que para a sua execução é necessario que uma synergia organica ou muitas synergias reunidas corrijão pelo seu concurso as desordens produzidas em uma synergia congenerere pela acção de um principio pathogenico. Pelas modificações indirectas por que passam aquellas primeiras, vimos que ellas *substituem* os effeitos pathologicos d'esta ultima. Ora, esgotada a faculdade compensadora do orgão affectado, comprehende-se que a lesão inicial deva manifestar-se. Suppondo, agora, que esta seja sustada em sua marcha progressiva ou em seu desenvolvimento, por um facto (accidental ou therapeutico) que *neutralize* os seus effeitos, renova-se a latencia

da affecção, reproduz-se o movimento compensador, e, no termo da compensação, esgotado o equilibrio das synergias congeneres, a lesão se manifesta em outra parte; os caracteres da nova lesão, que n'estas condições se produz, assimilhão-se ou se approximão dos caracteres da lesão inicial, visto como se origina de um desarranjo semelhante ao da affecção primitiva.

Em vista d'estes factos, podemos concluir de um modo geral que: *a substitutividade das molestias é tanto mais extensa e tanto mais notavel quanto mais extenso e mais compromettido é o orgão affectado.*

Finalmente, falta-nos tratar do ultimo caracter que as molestias diathesicas apresentam.

O que é promiscuidade?

É a faculdade que têm certas affecções de se manifestarem em muitos pontos do organismo ou em differentes orgãos da economia, que não guardão entre si uma relação anatomica ou physiologica *conhecida*. Os pontos ou regiões do organismo em que se fazem as determinações morbidas das affecções promiscuas não entretêm, de facto, relações anatomo-physiologicas *conhecidas*, mas que essas relações devão existir ninguem o póde negar, apenas sendo ellas ignoradas por não estarem evidentes nem serem intuitivas.

O que é verdade é que essa promiscuidade na eleição topica das manifestações pathologicas, reduzida ás suas proporções naturaes, isto é, considerada nos limites restrictos em que ella é observada, não exprime outra cousa mais do que um facto trivial, que nas affecções diathesicas faz vulto eminente por suas proporções extraordinarias (vide CARACTERES DA DIATHESE).

A determinação morbida ou symptoma se localisa n'este ou n'aquelle ponto do organismo conforme o orgão que soffre, e é com o seu auxilio que chegamos a precisar a séde da affecção. Sempre que uma alteração pathologica qualquer se estabelece em uma região da economia, existem infallivelmente n'essa região

orgãos ou elementos organicos determinados que soffrem a influencia de um agente ou condição pathogenica. Si essa alteração é secundaria, isto é, si deve ser referida a uma lesão preexistente em outra região do organismo, incontestavelmente o agente que a produziu teve origem n'esta ultima e foi transportado por um vehiculo qualquer para o segundo ponto affectado. Não queremos já indagar si esse vehiculo foi o sangue, a lymphá ou a fibra nervosa. O que não soffre a menor duvida é que a via transmissoria do agente pathologico faz em taes condições parte integrante e essencial da séde da affecção.

D'essas considerações deduzimos a seguinte lei para a promiscuidade pathologica: *a promiscuidade das molestias está na razão directa da extensão da séde do orgão affectado; mais extensa é a promiscuidade, maior é o orgão doente.*

Das quatro leis pathogenicas, que assim ficão estabelecidas com relação aos phenomenos dominantes nas affecções diathesicas, facil nos será deduzir, com a maior certeza e precisão que é possível sob um ponto de vista geral, a séde d'essas mesmas affecções. Para isso, basta reunir as quatro leis em uma só proposição, pois que ellas têm um elemento commum (*a extensão do orgão affectado*), e compara-las com os caracteres da diathese, estudadas no capitulo precedente.

Demonstrámos n'esse capitulo que os caracteres geraes das affecções chamadas diathesicas distinguem-nas das outras affecções sómente pelo elevado gráo em que ellas o possuem. Com effeito, em geral todas as affecções chronicas dão lugar em sua evolução aos phenomenos que constituem aquelles caracteres, exprimindo-os em um gráo ascendente até á affecção diathesica, que o exprime no gráo mais elevado. Ora, acabamos de provar com razões mui positivas, ou pelo menos logicas e philosophicamente estabelecidas, que — *a tenacidade ou duração, a hereditariedade, a latencia, a substitutividade e a promiscuidade das*

affecções em geral estão na razão directa da extensão ou importancia bruta dos órgãos affectados. Por consequencia, devemos inferir sem receio de errar: que as affecções chamadas diathesicas são aquellas que se assestão nos mais extensos órgãos da economia animal, e, vice-versa, as affecções assestadas nos órgãos mais extensos da economia animal são *ipso-facto* diathesicas.

Quaes são os órgãos mais extensos da nossa economia? Sem duvida, são os systemas organicos em primeiro lugar, e os grandes apparatus, em segundo. Estes ultimos, entre os quaes avultão o apparatus digestivo, o urinario, o sudoriparo, o osseo e o muscular, não affectão aquelles caracteres morbidos sinão em grão muito limitado, e em geral não soffrem isoladamente, quando os caracteres diathesicos se observão. Portanto aos systemas geraes da economia deve ser referida a séde das affecções diathesicas.

Os systemas economicos são em numero de tres essenciaes— o lymphatico, o sanguineo e o nervoso—que por sua vez se subdividem em systemas secundarios.

Em conclusão, pois, as affecções diathesicas têm por séde os systemas lymphatico, sanguineo ou nervoso, ou uma de suas subdivisões principaes.

Baseado n'esta conclusão final, daremos a nossa definição de diathese e proporemos aos nossos mestres uma classificação das affecções diathesicas.

Definição de diathese.

.... Sendo o fim das nossas indagações o conhecimento da natureza das cousas e devendo a definição expôr o resultado d'estas indagações, como se ha de começar pela conclusão? Definir é pôr a equação d'onde se deduz a incognita e na solução de todo o problema esta equação é a ultima.

(BALMES — *O criterio*, pag. 133.)

É notavel e digno de séria lastima que os auctores em geral, mesmo os mais criteriosos, tenham começado os seus estudos sobre a diathese apresentando uma definição cabal d'esse estado morbido, sem se lembrar de que tal procedimento está em opposição formal com os conselhos os mais comesinhos da bôa logica.

Assim, vemos quasi todas as *Pathologias Geraes* e a maior parte dos livros especiaes sobre as affecções ou sobre as molestias diathesicas, sem haverem ainda preparado uma base segura e positiva, encetar as suas razões ou os seus estudos por uma definição categorica, não da palavra *diathese*, porém da propria entidade diathesica.

É por isso que a generalidade dos auctores impensada e aeriamente têm admittido a constituição ou o temperamento geral do individuo como séde da affecção diathesica, tirando d'ahi conclusões vagas, como as premissas estabelecidas, e variaveis ao infinito.

Para taes auctores a constituição geral ou o temperamento geral adoecendo (*disposição ou estado morbido geral*) é que dão logar á molestia diathesica, obrando como causa proxima ou causa efficiente das determinações pathologicas que caracterisão esta molestia.

Sobre o valor d'esta presumpção *à priori*, que custa a crer se tenha propagado com tanto successo na sciencia, já nos explicámos largamente nos capitulos anteriores. Não só nenhum factó sufficiente auctorisa ao observador circumspecto a inferencia de uma conclusão tão absoluta, porquanto nos individuos diathesicos o estado geral se resente depois das determinações pathologicas e nunca antes d'estas (excepto si a affecção é hereditaria), como tambem (e esta razão é de todo o peso) a propria noção absoluta de constituição geral é incompativel com a noção essencialmente relativa de affecção ou estado morbido.

Não ha negar que a constituição geral se resente, em gráo variavel desde a ligeira fraqueza até a mais profunda cachexia, das desordens trazidas pela affecção diathesica, enfraquecendo-se de par em par com o depauperamento do organismo e baixando por assim dizer na escala de sua resistencia. Entretanto, que motivos ou que factos valiosos nos auctorisão a responsabilisal-a pelos accidentes especiaes que a diathese manifesta? Não é por fórma alguma ella que está tomada pela affecção, nem ahi que devemos procurar a *disposição morbida primitiva*.

A affecção diathesica, o vicio ou alteração pathogenica, que sob tão prodigiosa variedade de fórmas se apresenta no quadro clinico das affecções chronicas em geral, tem, como toda a affecção, um estudo anatomo-pathologico definido, uma séde bem determinada no organismo e regiões que se podem precisamente delimitar; empregados os meios convenientes, ella se poderá localisar tão materialmente e com tanta exactidão como qualquer affecção chronica conhecida.

A julgal-a pelos seus caracteres geraes, como temos feito até aqui,

a sua séde deve ser referida a um dos grandes systemas economicos sem cujo auxilio a vida não póde manter-se na esphera de suas attribuições em ponto algum do organismo.

Quaes são os systemas da economia, sem os quaes é rigorosamente impossivel que a mais limitada região guarde accôrdo com o typo organico e physiologico que a natureza lhe marcou? Sem duvida alguma, são o systema lymphatico (*hemato-poietico*), hemo-vascular (*circulatorio*) e nervoso (*regulador*). O primeiro recebe os principios alimentares do exterior e prepara a materia prima dos tecidos—é o systema formador; o segundo transporta o sangue a todas as regiões da economia, fornecendo-lhes os principios necessarios para a sua reparação—é o systema reparador; e finalmente o terceiro dirige o organismo ou procura para elle as condições que melhor o podem conservar—é o systema director ou conservador.

De accôrdo com as idéas expendidas definiremos a diathese: *toda a affecção chronica que tem por séde um dos grandes systemas economicos no que, em sua evolução, o interessa essencialmente, manifestando-se por lesões e symp'tomas de ordem e natureza variavel, ligados entre si pelas connexões naturaes do systema interessado.*

Divisão e classificação das affecções diathesicas.

Guiando-nos pela nossa definição de diathese, devêramos dividir as affecções diathesicas em tres grandes ordens, conforme o systema organico em que ellas têm a sua séde presumivel. Entretanto, como somos levados a crêr que algumas affecções, percorrendo os periodos ulteriores de sua evolução, attacão mais de um systema, sendo aliás isso muito natural em vista das connexões intimas que ligão esses systemas, entendemos dever acrescentar ás tres divisões primordiales uma quarta divisão, comprehendendo as affecções que têm a sua séde em dous ou nos tres systemas.

Assim, dividiremos as affecções chronicas d'esses orgãos nas quatro ordens seguintes: 1.^a affecções chronicas do systema lymphatico; 2.^a affecções chronicas do systema sanguineo ou hemo-vascular; 3.^a affecções chronicas do systema nervoso; 4.^a affecções chronicas de mais de um systema.

Segundo a séde que presumi mos para cada uma das affecções

diathesicas conhecidas, vamos distribuil-as pelas quatro ordens ácima enumeradas, da maneira seguinte:

DIATHESES LYMPHATICAS.

- 1.^a Syphilis.
- 2.^a Boubas.
- 3.^a Mormo.
- 4.^a Escrophulose.
- 5.^a Tuberculose.
- 6.^a Diphterite (?)
- 7.^a Cancerose.

DIATHESES HEMOVASCULARES.

- 1.^a Uricemia.
- 2.^a Anemia (Chlorose, hypoglobulia, hypoalbuminose).
- 3.^a Alcoolemia.
- 4.^a Atheromatose.
- 5.^a Hydrargirismo.
- 6.^a Arcenicismo.
- 7.^a Iodismo.
- 8.^a Plumbicismo.
- 9.^a Phosphorismo.
- 10.^a Morphinismo etc., etc.

DIATHESES NERVOSAS.

- 1.^a Nervosismo ou hystericismo.

- 2.^a Hysterismo.
- 3.^a Polymania essencial.
- 4.^a Rheumatismo.

DIATHESSES MIXTAS (NEVRO-HUMORICAS).

- 1.^a Gôtta.
- 2.^a Herpetismo.
- 3.^a Impaludismo.
- 4.^a Erysipela.
- 5.^a Morphéa.

Muitas affecções são ainda ordinariamente citadas pelos auctores da Escola de Pariz e por alguns de Montpellier entre as affecções diathesicas. No meio d'ellas encontramos algumas que illudem com facilidade ao espirito pouco prevenido, mas que entretanto não offerecem os caracteres primordiaes das affecções diathesicas, nem tão pouco preenchem as condições anatomo-pathologicas d'aquellas mesmas affecções. Taes affecções consistem na producção simultanea ou progressiva do mesmo producto morbido em muitos pontos de um dos grandesapparelhos do organismo. A essa ordem de affecções denominaremos, na falta de um nome mais expressivo, de *pseudo-diathesicas*.

São ellas, d'entre as principaes, as seguintes :

- 1.^a Lupose.
- 2.^a Lipomatose.
- 3.^a Fibromatose.
- 4.^a Osteomatose.
- 5.^a Rachitismo.
- 6.^a Forunculose, etc.

Si nos fôsse possível alongar um pouco mais o trabalho que temos em mãos, procuraríamos justificar, pela descripção especial de cada affecção diathesiça, a classificação que apresentamos ; entretanto, o tempo de que dispomos actualmente para tão ardua tarefa é por demais limitado, e somos assim obrigado a deixar a nossa classificação desprotegida de outras razões que não sejam as que o proprio criterio do leitor nos proporcionará.

Seções de seções necessárias

CAPÍTULO DE PHYSICA

Materia, forças, movimentos.

PROPOSIÇÕES

1. A ontologia physica resulta da applicação da ontologia geral ao estudo dos phenomenos physicos.

II

2. As noções de corpo, materia e movimento derivão da applicação das noções metaphysicas de causa, substancia e effeito a natureza de um phenomeno physico.

III

3. As noções de força, materia e movimento derivão da applicação das noções metaphysicas de causa, substancia e effeito a natureza de um phenomeno physico.

IV

4. A idea de força reunida à idea de materia dá a noção de corpo ou corpo physico.

— 20 —

V

Secção de sciencias accessorias.

VI

CADEIRA DE PHYSICA.

VII

Materia, forças, movimentos.

VI

I

Das noções abstractas de força, materia e movimento se occupa a Ontologia physica.

II

A Ontologia physica resulta da applicação da Ontologia geral ao estudo dos phenomenos physicos.

III

As noções de força, materia e movimento derivão da applicação das noções metaphysicas de causa, substancia e effeito á analyse de um phenomeno physico.

IV

A idéa de força reunida á idéa de materia dá a noção de agente ou força physica.

V

O *atomo* é synonymo de agente simples e nega a idéa de extensão. Esta resulta da approximação dos atomos e da collisão dos agentes.

VI

Os agentes manifestão a sua força pelo movimento, que é a sua perpetua tendencia.

VII

O repouso absoluto é uma ficção, por isso que importa em a negação da força.

VIII

O resultado da collisão de dous agentes de igual força é o equilibrio. O equilibrio demonstra a força dos agentes pela negação do movimento.

IX

A ruptura do equilibrio entre dous atomos pela intervenção de um terceiro importa, pois, no movimento.

X

O equilibrio absoluto é representado na natureza pelo crystal. O movimento absoluto, pelo estado gazoso. Ha um estado intermediario que é o estado liquido.

XI

Da noção d'esses estados differentes da materia é que resulta

a noção de corpo. Por consequencia: corpo é o complexo de phenomenos que resulta da collisão dos atomos.

XII

A noção de corpo é uma idéa abstracta. As propriedades que lhe são attribuidas são noções abstractas dos phenomenos atomicos.

XIII

A extensão, fórma, côr, luz, calor, electricidade, catalyse, etc. são phenomenos que resultão: quer do estado de equilibrio, quer do estado de movimento dos agentes atomicos. Os do primeiro estado são — propriedades estaticas; os do segundo são — propriedades dynamicas.

XIV

Na successão d'esses dous estados oppostos resolvem-se todos os phenomenos da natureza.

Secção de sciencias chirurgicas.

CADEIRA DE ANATOMIA GERAL E PATHOLOGICA.

Do cancro.

I

Por cancro entende-se uma neoplasia dotada de certos caracteres especiaes. A sua noção está incluída na noção de diathese.

Os caracteres *especiaes* do cancro são os seguintes: *tenacidade*, *hereditariedade*, *reincidencia*, *promiscuidade* e *independencia evolutiva*.

II

A tenacidade resulta, como a tenacidade de toda a molestia diathetica, da difficuldade de eliminação dos *agentes* que a determinão. No cancro essa difficuldade existe no mais alto gráo.

III

Essa difficuldade de eliminação dá-se em consequencia de actuar a sua causa determinante no mesmo sentido que o agente evolutivo ou o *sólido*; isto é favorecer a tendencia d'este, que é a evolução.

IV

A hereditariedade é a possibilidade de transmissão da causa por via de geração.

V

Para que a *causa* (Vid. *Generalidades*) se transmita por via de geração é necessario que os ovulos, de cuja reunião procede a geração, a tenham adquirido como adquirem os agentes evolutivos em geral.

VI

A reincidencia do cancro resulta da persistencia *in loco* ou da transmissão pelos lymphaticos da causa ou agente immediato que provocou a sua evolução.

VII

A promiscuidade resulta da disposição mesma do systema organico que o cancro affecta, que é o systema lymphatico (reticular ou ganglionar) ou o emunctorio geral (pelle e mucosas).

VIII

As cellulas do cancro não são mais do que o resultado da evolução das cellulas angioleucemicas ou dos epithelios, em condições anormaes.

IX

Essas condições anormaes, pathogenicas da degeneração cancerosa, resumem-se em um facto positivo: a cessação completa ou a diminuição notavel da *eliminação funccional*.

X

Chamamos — eliminação funcional ou physiologica — a eliminação secretora ou excretora, cellular ou não, que se effectua em virtude da propria funcção do orgão ou do tecido.

XI

A eliminação funcional dos vasos e dos ganglios lymphaticos (systema hemato-poietico) se faz á custa de dous elementos principaes : o globulo lymphatico e a lymphá.

XII

A eliminação funcional dos epithelios em geral se faz á custa da propria cellula epithelial e das excreções ou secreções liquidas.

XIII

É pela eliminação funcional que os orgãos, em geral, moderão a sua evolução e restringem o seu crescimento. Si ella se torna excessiva ou sobrepuja o movimento assimilador, o orgão tende a atrophiar-se e a desaparecer da economia (*degenerescencia regressiva, reabsorção*); si ella diminue notavelmente ou é detida por um motivo organico ou por uma condição adventicia, conservando-se o movimento assimilador no mesmo gráo, o ponto compromettido se destaca do orgão ou aparelho a que pertence e faz vulto na economia.

XIV

A independencia evolutiva é o caracter primordial do cancro e exprime no mais alto gráo a cessação da eliminação funcional dos epithelios e do tecido angioleucemico. Quebrada esta providencia economica, o ponto lesado se isola da economia e percorre livremente todos os periodos da evolução que lhe é propria.

Secção de sciencias medicas.

CADEIRA DE PATHOLOGIA GERAL.

Do estado pathologico em geral.

VII

I

O estado *pathologico* é o contrario do estado *physiologico*, mas não é o opposto, que seria a negação do estado *organizado*.

II

A noção do estado pathologico e do estado physiologico resultão directamente da noção de estado organizado.

III

Estado organizado é aquelle em que a materia se acha em condições atomicas taes que o equilibrio molecular, constantemente rôto pelas solicitações de um meio especial, é renovado em acto contínuo e successivo pela emergencia perenne de agentes analogos aos primeiros.

IV

A evolução é o resultado do estado organizado, e significa vida.

V

O estado physiologico é a evolução de uma certa ordem de agentes organicos, segundo o *typo* que essa mesma ordem de agentes representa.

VI

A perturbação d'esse *typo* pela intervenção de um agente estranho ou adventicio é o estado pathologico.

VII

Este novo agente, dando uma nova tendencia á certa serie determinada de agentes do ser organizado, traz como consequencia uma serie parallela de phenomenos, cuja successão evolutiva constitue a *affecção*. A manifestação exterior d'esta é a *molestia*.

VIII

O estado pathologico está fatalmente em relação com o agente que o determina.

IX

Si o agente é eliminado promptamente, o que se dá pela sua mesma evolução, a *affecção* é *aguda*.

X

Si a sua eliminação é lenta, a *affecção* é *sub-aguda* ou *chronica*.

XI

Si essa eliminação não se faz, por actuar o *agente estranho*, directa ou indirectamente, no mesmo sentido que certa serie de agentes normaes, a affecção é chronica e sempre crescente em extensão e gravidade.

XII

O estado pathologico varia ainda conforme o orgão que soffre, e as condições em que este é sorprendido pelo agente pathogenico.

HIPPOCRATIS APHORISMI.

I

Vita brevis, ars longa, occasio præceps, experimentum fallax, judicium difficile. (Sect. I, Aph. 1°.)

II

Ad extremos morbos extrema remedia exquisite optima. (Sect. I, Aph. 4°.)

III

Ubi somnus delirium sedat bonum. (Sect. II, Aph. 2°.)

IV

Somnus, vigilia, utraque modum excedentia, malum. (Sect. II, Aph. 3°.)

V

Duobus doloribus, simul obortis, non in eodem loco, vehementior obscurat alterum. (Sect. II, Aph. 46°.)

VI

Mulier, menstruis deficientibus, e naribus sanguinem fluere, bonum. (Sect. III, Aph. 2°.)

Esta these está conforme os Estatutos.

Rio de Janeiro, 5 de Outubro de 1876.

Dr. JOSÉ PEREIRA GUIMARÃES.

Dr. SOUZA LIMA.

Dr. FERREIRA DOS SANTOS.

